

# AMARAL PEIXOTO PREPARA NOS E.E. UU. A REVOGAÇÃO DA POLÍTICA ATÔMICA BRASILEIRA

(Texto na terceira página)

## LUTAR PELA DERROTA DO ACÓRDO ENTREGUISTA

**M**AIS uma vez, os fatos estão confirmando que o caminho das concessões ao imperialismo e a seus agentes nacionais é um plano inclinado: à medida que o Governo cedeu a imposição das forças reacionárias, externas e internas, novas exigências foram sendo feitas, num círculo, que pode tornar-se vicioso. Até agora, o sr. Juscelino Kubitschek vem trilhando uma via de zig-zags, que expressa a heterogeneidade de seu próprio governo. Ao lado de medidas patrióticas e nacionalistas — como a afirmação de uma política nacionalista para o petróleo, a decisão de denúncia dos acordos sobre os minerais atômicos, etc. — viola flagrantemente as liberdades públicas (o fechamento de associações democráticas ilustra o caso) e cede em pontos decisivos para o futuro do Brasil.

**N**ÃO há, quanto a isso, nada mais grave que a cessão da Ilha de Fernando de Noronha para o estabelecimento de bases de foguetes teleguiados. Ao assumir a pasta do Exterior, ainda durante o curto período do sr. Nereu Ramos, o ministro Macedo Soares tornou pública sua intenção de prosseguir na mesma política executada pelo sr. Raul Fernandes, corifeu do mais descarado entreguismo. E, se bem disse, melhor fez. Enquanto um ato da importância da resolução do Conselho de Segurança sobre a exploração dos minerais atômicos pilhados pelos trustes americanos, não produziu, até agora, as conseqüências necessárias, pois não foram dados os passos diplomáticos que oficializem a denúncia, o ministro do Exterior envereda pelo caminho guerreiro. Sua é a principal responsabilidade na elaboração do acôrdo abjeto que incorpora ao sistema americano um pedaço de terra brasileira. Não esconde o Governo que, com isso, se arrola em uma conspiração agressiva, e que a base não tem outra finalidade que a de ataque pelas próprias características das armas de que poderá dispor. E vai-se mais longe: alardeia-se, numa irresponsabilidade pasmosa que o Nordeste brasileiro poderá ser o primeiro campo de batalha de uma guerra mundial.

**I**SSO revela o verdadeiro perigo que representa para nosso povo o acôrdo odioso. Ao mesmo tempo, ergue uma ponta do véu que encobre o resto de uma conspiração mais ampla: já foram apresentadas novas concessões de bases no território continental, desde Natal a Maceió, ao mesmo tempo que o embaixador Amaral Peixoto anuncia novos acordos atômicos favoráveis às pretensões norte-americanas.

**S**E é verdade, porém, que o imperialismo conseguiu, com a base em Fernando de Noronha, dar um novo passo no sentido de nova dominação, é igualmente verdade que suas pretensões eram maiores e que absolutamente a batalha não está perdida pelos patriotas. A resistência aos novos compromissos inconstitucionais assumidos pelo Governo atingiu os mais amplos setores e nem mesmo no Ministério houve uma posição unitária. Além disso, para terem validade os acordos, terão de passar pelo Congresso, o que ainda não se deu. A vigilância e a mobilização da opinião pública, o entrosamento de tôdas as forças que se opõem à concessão podem, rapidamente, obrigar o sr. Juscelino Kubitschek e seu Governo a voltarem atrás no caminho percorrido.

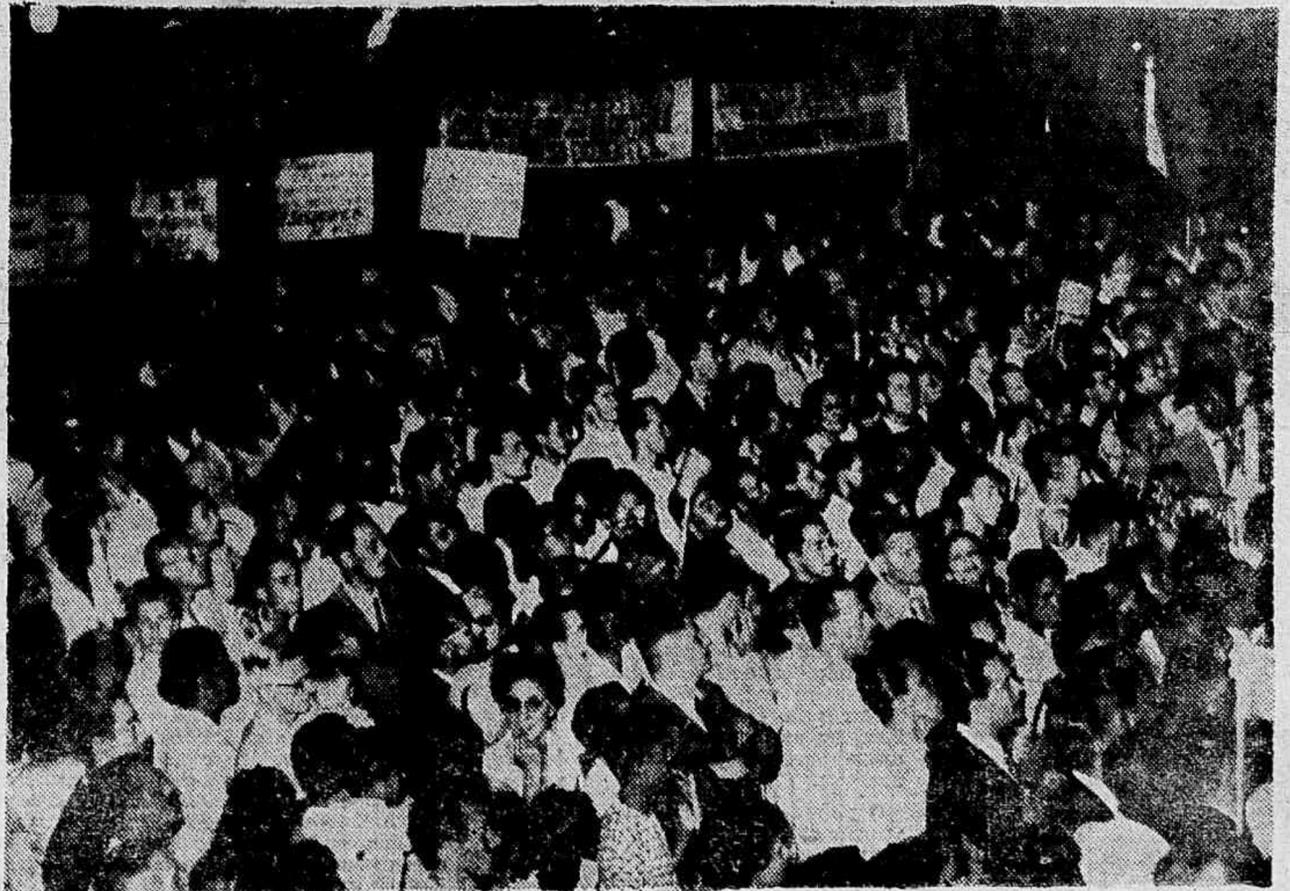
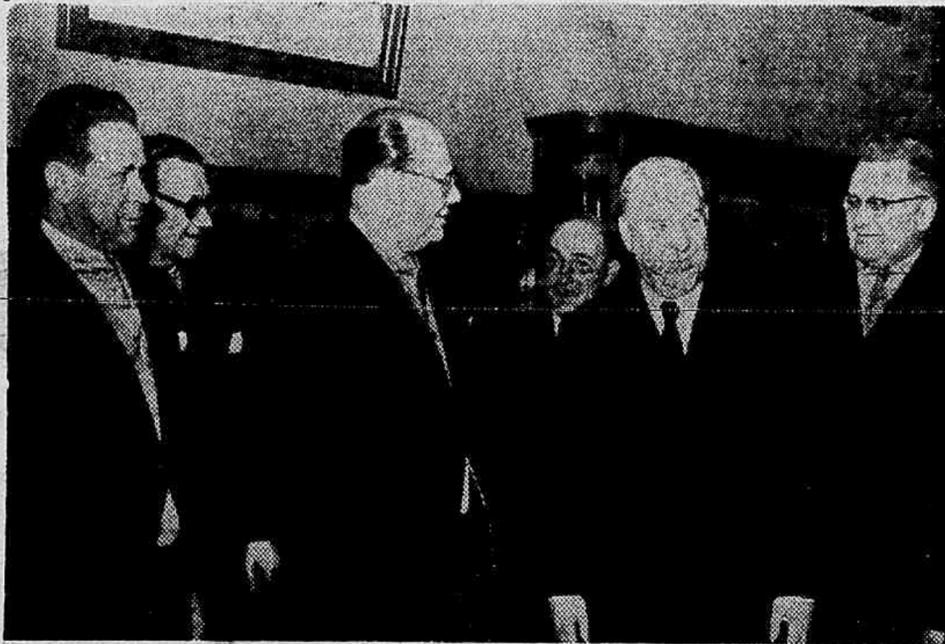
# VOZ OPERÁRIA

Nº 403 — RIO DE JANEIRO, 9 DE FEVEREIRO DE 1957

Visitou recentemente a União Soviética uma delegação governamental finlandesa, chefiada pelo primeiro-ministro K. A. Fagerholm. Falando à imprensa, esse titular declarou que a fronteira fino-soviética é a mais pacífica do mundo. NA FOTO, o marechal Bulgânin, presidente do Conselho de Ministros da URSS, recebe o premier finlandês na sua chegada a Moscou. (TASS)

## Declaração da Agência «TASS» Sobre a «Doutrina Eisenhower»

(TEXTO NA PÁGINA 2)



Por ocasião da passagem do primeiro aniversário do governo Kubitschek, os trabalhadores foram ao Catete apresentar suas reivindicações ao presidente da República e cobrar o cumprimento de suas promessas de candidato

## BOLETIM DE DEBATES

ARTIGOS DE:

★ Pedro Pomar —  
O XX Congresso  
e os nossos  
debates



★ Rui Facó — O  
nacionalismo-  
burguês está  
em muitas ca-  
beças

# Podem Acarretar Consequências Perigosas O Emprêgo da Força no Oriente Médio

## DECLARAÇÃO DA AGÊNCIA TASS SOBRE A DOCTRINA EISENHOWER

A imprensa soviética e de vários países publicou recentemente uma Declaração da Agência Tass a propósito da Doutrina Eisenhower, cujos trechos principais damos a seguir:

“O Presidente Eisenhower dos Estados Unidos da América dirigiu a 5 de janeiro uma mensagem especial ao Congresso sobre a política dos Estados Unidos nos países do Oriente Médio. Em sua mensagem, cheia de observações anti-soviéticas, o Presidente, considerando a situação atual no Oriente Médio como «crítica», solicitou autorização para usar as Forças Armadas dos Estados Unidos no Oriente Médio a qualquer momento em que ele considere necessário fazê-lo, sem solicitar consentimento do Congresso. De conformidade com os precedentes estabelecidos na Constituição do país. O Presidente dos Estados Unidos também solicitou poderes para prestar «ajuda» militar e econômica aos países do Oriente Médio. Prevê-se, especificamente, a soma de 200 milhões de dólares para «apoio econômico» aos países situados «aquela área».

A mensagem do Presidente Eisenhower contraria os princípios e as finalidades das Nações Unidas e encerra um grave perigo para a paz e a segurança no Oriente Médio.

Profundas transformações ocorreram recentemente naquela região. Seus povos vem travando uma luta heróica por sua liberdade e independência nacional, e por se libertarem completamente da opressão imperialista, o que constitui um perigo para os interesses de grandes monopólios americanos e ingleses que exploram as riquezas naturais dos países do Oriente Médio e conseguem ali superlucros colossais. Essa luta evidentemente perturba os donos dos monopólios.

Desencadeando a agressão contra o Egito, os governos da Inglaterra e da França procuraram restaurar as posições dos colonialistas naquela parte do mundo. Esperavam esmagar o Egito. Desmoralizar assim os outros estados árabes, abrir caminho para liquidar sua independência nacional e para novamente impor a dominação das potências coloniais em todo o Oriente Médio. O Egito foi a primeira vítima da agressão porque suas ações resolutas deram um bom exemplo de defesa dos direitos e da soberania nacionais.

Em sua mensagem ao Congresso o Presidente dos Estados Unidos fala da simpatia que os Estados Unidos alegam nutrir para com os países árabes. A realidade, porém, demonstra que de fato os círculos governamentais americanos visam claramente a objetivos egoístas naquela região. É fato que quando o Egito se achava ameaçado de perder sua independência nacional em consequência da agressão militar empreendida pela Inglaterra, França e Israel, os Estados Unidos se recusaram a unir seus esforços aos da União Soviética nas Nações Unidas a fim de tomarem medidas decididas para barrar a agressão.

A preocupação primordial dos Estados Unidos não foi a de defender a paz e a independência nacional dos países árabes, e sim o desejo de se aproveitarem do enfraquecimento da Inglaterra e da França no Oriente Médio para

ocupar as posições que esses países ali mantinham.

No momento em que existe uma situação favorável no Oriente Médio e reais possibilidades de consolidar a paz e de resolver questões de grande monta naquela região, o governo dos Estados Unidos surge com um programa que prevê interferência flagrante dos Estados Unidos nas questões dos países árabes, interferência que pode chegar até à intervenção militar. O caráter agressivo desse programa e sua natureza colonialista em relação aos países árabes são tão evidentes que não podem ser dissimulados por nenhum palavreiro nebuloso sobre o amor à paz e à simpatia que os Estados Unidos alegam nutrir pelos países do Oriente Médio.

Cabe-nos perguntar: De que amor à paz os autores da «Doutrina Eisenhower» falam, quando a ameaça dos países do Oriente Médio, provém precisamente de países membros da NATO, na qual os Estados Unidos são o primeiro violino?

Que simpatia pode ser nutrida para com os países daquela região quando são justamente os Estados Unidos e seus sócios da NATO aqueles que o consideram meramente como fontes de matéria prima estratégica e como esferas de investimentos de capitais com a finalidade de conseguir lucros máximos? Torna-se claro que esses «protetores» indesejáveis dos países do Oriente Médio procuram impor àquela região nada menos do que um regime de protetorado militar «sui generis», e retardar o desenvolvimento desses países por muitos anos. As declarações feitas pelo Presidente americano de que os Estados Unidos defenderão a soberania e a independência dos países do Oriente Médio não são de forma alguma compatíveis com a adoção de um programa agressivo que prevê o uso das forças armadas americanas naquela região. É perfeitamente notório que a proposta de usar as forças armadas americanas no Oriente Médio vai muito além do que a famosa declaração tripartite da Inglaterra, França e Estados Unidos em 1950, e do que o plano de 1951 para a formação do chamado comando do Oriente Médio, ambos firmemente rejeitados pelos países árabes que com razão viram nela ameaça real à sua independência nacional.

Os povos do Oriente Médio que sofreram o jugo colonial durante longos anos são perfeitamente capazes de descobrir as maquinacões dos colonialistas, qualquer que seja o disfarce com que se apresenta. Esses povos escolheram o caminho do progresso nacional independente e aderem firmemente aos princípios básicos de igualdade nas relações entre Estados formulados nas decisões tomadas pela Conferência de Bandung, as quais são plenamente apoiadas pela União Soviética.

O poderoso avanço do movimento de libertação nacional nos países do Oriente Árabe, a derrota dos agressores na guerra contra o Egito demonstram que a resolução

dos povos do Oriente Médio em se livrarem do colonialismo e de suas consequências se aprofundam cada vez mais. Esses países estão conscientes de sua força e da justiça de sua causa, e cientes do fato de que em sua luta não estão sós e de que possuem amigos desinteressados.

Os círculos governamentais americanos consideram que o enfraquecimento das posições dos colonialistas anglo-franceses no Oriente Médio, e os êxitos alcançados pelos países árabes na consolidação de suas independências produziram um «vácuo» que eles desejariam preencher por meio da intervenção militar-econômica nas questões internas daqueles países.

Que «vácuo» pode haver, porém, ali? Desde quando países que se libertaram da opressão colonial e tomaram o caminho do desenvolvimento nacional independente constituem «vácuos»? É claro que o reforço da independência nacional dos países árabes e a intensificação de sua luta contra a opressão colonial de forma alguma criam uma espécie de «vácuo», representando ao contrário a restauração dos direitos nacionais dos povos do Oriente Médio e constituindo um fator progressista em seu desenvolvimento social.

Os Estados Unidos procuram apresentar sua política como anticolonialista. Não é difícil, porém, constatar a falsidade dessas asserções que têm claramente a finalidade de diminuir a vigilância dos povos no Oriente Médio. O programa dos Estados Unidos ressaltam insistentemente que o Oriente Médio deve reconhecer sua interdependência em relação aos países ocidentais, isto é, em relação aos colonialistas e, especialmente em relação a petróleo, Canal de Suez, etc. Em outros tér-

mos, os Estados Unidos teimosa e procuram imprimir a «curatela» dos colonialistas sobre os povos dos países do Oriente Médio. Na prática a interdependência entre os países do Oriente Médio e as potências coloniais significaria que esses países teriam que colocar seus recursos naturais e riqueza nacional à disposição dos monopólios estrangeiros. Falando francamente, os Estados Unidos procuram implantar a antiga ordem colonial nos países do Oriente Médio sob nova etiqueta, apoderando-se ali de posições dominantes.

Os autores do programa colonialista procuram dourar a pílula com a promessa de «ajuda» econômica aos países do Oriente Médio. Toda pessoa inteligente compreende, porém, que na realidade os Estados Unidos oferecem de esmola aos povos dos países árabes apenas pequena fração do que os monopólios americanos têm recebido e ainda recebem pela pilhagem e pela exploração da riqueza natural pertencente àqueles países. Os Estados Unidos prometem aos países do Oriente

Médio 200 milhões de dólares nos anos fiscais de 1958-59, enquanto que só em 1955 as companhias petrolíferas americanas e inglesas extraíram 150 milhões de toneladas de petróleo no Oriente Médio ao custo total de 240 milhões de dólares, conseguindo um lucro líquido de 1 bilhão e 900 milhões de dólares. Esse é o quadro real da «filantropia» americana!

A mensagem do Presidente Eisenhower contém a afirmativa de que os Estados Unidos se preocupam pela sorte das religiões naquela área, inclusive pelo islamismo professado pela maioria dos povos do Oriente Árabe.

Esta afirmativa, porém, não

pode ser considerada com seriedade. O islamismo, como religião, surgiu muitos séculos antes do descobrimento da América e suportou o emboate de quatro cruzadas. No momento os muçulmanos do Oriente Árabe não sentem nenhuma necessidade de que os Estados Unidos ou qualquer outro país protejam o islamismo. São destituídas inteiramente de fundamento as afirmativas de que os interesses da religião do Oriente Árabe exigem o envio de forças armadas americanas para aquela região. Não são os interesses da religião no Oriente Médio e sim os interesses dos maiores trustes americanos de petróleo que levam o governo dos Estados Unidos a enviar para ali suas tropas. Os planos de intervenção americana nas questões religiosas nos países muçulmanos são, com razão, considerados como insulto aos sentimentos religiosos dos povos daqueles países.

Devemos também mencionar o fato de que a intervenção americana nas questões internas dos países árabes e a ameaça crua de empregar a força contra aqueles países só podem encorajar as tendências agressivas dos círculos governamentais de Israel em relação aos países árabes.

Intimamente ligados aos monopólios americanos, esses círculos extremados procuram, confiantes no apoio americano, realizar seus planos predatórios, o que por sua vez pode agravar ainda mais a situação no Oriente Médio e aumentar grandemente a ameaça à paz naquela região.

Procurando dissimular sua intervenção grosseira nos problemas internos nos países do Oriente Médio e sua política agressiva em relação a esses países, os círculos governamentais americanos re-

correm à ficção, afirmando partir da União Soviética a ameaça aos países árabes. Essas asserções caluniosas a ninguém enganam. Os povos do Oriente Médio não se esqueceram de que a União Soviética sempre defendeu a autodeterminação dos povos, a conquista e a consolidação de sua independência nacional. Aprenderam por sua própria experiência que nas relações com todos os países a União Soviética mantém firmemente a política de igualdade e de não intervenção em questões internas. Também sabem perfeitamente que a União Soviética apóia ativamente o direito de cada povo a dispor de sua riqueza natural e de usá-la a seu próprio critério.

Concluindo suas afirmações diz a Declaração da TASS: «O programa imperialista de colonialismo, liderado pelos Estados Unidos, mostra que os círculos dominantes americanos não tiraram as necessárias conclusões do fracasso da agressão contra o Egito».

Estão tentando claramente voltar à fracassada política de «posições de força». Tudo isto, longe de contribuir para o alívio da tensão naquela área, muito ao contrário, agrava a situação, aumenta o perigo para a paz no Oriente Médio e viola os princípios de paz das Nações Unidas, pelos quais se guiou a Assembleia Geral ao condenar a recente agressão contra o Egito. A mensagem do Sr. Eisenhower ressoa a voz da guerra, e não a voz da paz.

Círculos soviéticos autorizados são de opinião que quaisquer atos em relação ao Oriente Médio previstos pelo governo dos Estados Unidos que incluem a possibilidade do emprêgo de forças armadas dos Estados Unidos naquela zona podem acarretar consequências perigosas cuja responsabilidade caberá inteiramente ao governo americano.»

### CRÔNICA INTERNACIONAL

## As Novas Nacionalizações no Egito

Em ato recente, comemorativo do aniversário da Constituição egípcia, o Coronel Nasser determinou a nacionalização de bancos, empresas de seguros e outras companhias, constituindo, ao mesmo tempo, um organismo nacional encarregado de elaborar, estudar os modos de financiamento e supervisionar os planos nacionais de desenvolvimento. Essas quatro leis são instrumentos da maior importância e a contraprova de como as tentativas anglo-francesas de cortar o caminho do novo Egito baldaram-se inteiramente. A crise iniciada com a recusa anglo-americana de financiamento da barragem de Assuã (após Londres e Washington se haverem comprometido a fazê-lo) e prosseguida com a agressão ao Egito serviu para demonstrar a falência dos velhos métodos de agressão direta (militar ou econômica) contra os povos subdesenvolvidos. Há menos de um ano, vacilavam ainda os dirigentes egípcios entre os recursos de que deveriam lançar mão preferentemente para financiar as grandes obras projetadas; acreditaram, pelo menos em parte, nas promessas açucaradas de Eisenhower e dos dirigentes britânicos que após longos estudos tinham assumido o compromisso bilateral de financiamento da grande represa que multiplicará espantosamente a atual disponibilidade egípcia de energia (10 bilhões de Kwh/ano) e permitirá a conquista de novas terras para a lavoura do estreito vale. A prática revelou que o financiamento só poderia ser obtido em bases políticas mediante compromissos inaceitáveis para um país soberano. Restava promover os meios necessários dentro dos recursos nacionais, aproveitando suas possibilidades de ampliação. A nacionalização de Suez permitiu esse passo. Ela afirmou a preponderância das inversões estatais para o desenvolvimento econômico do Egito.

A história contemporânea demonstra que não há deter-se a meio caminho se se deseja realmente levar a cabo a emancipação nacional que, nos países subdesenvolvidos tem exigido, e continuará a exigir, revigoramento do capitalismo de Estado nos setores fundamentais. Os oficiais egípcios que, ainda há alguns anos contentavam-se em executar pessoalmente atentados terroristas, aprenderam a lição, que muitos no Brasil ainda teimam em

rejeitar (por exemplo: o atual projeto de funcionamento da futura represa de Furnas, favorece a Light, e golpeia a Eletrobrás, em lugar de reforçar o capitalismo do Estado).

Não há dúvida de que o ato de Nasser despertará os costumeiros ataques dos principais governos capitalistas que operam bancariamente no Egito e ele será acusado de «procurar» novos casos internacionais. Na realidade, as novas medidas do Governo do Cairo, além de necessárias pelos motivos que já assinalamos, encontraram, agora, o momento mais oportuno para sua decretação, em vista do esforço da frente interna e da séria derrota sofrida pelos anglo-franceses no plano internacional. Por outro lado, a proclamação da Doutrina Eisenhower de intervenção na vida do Oriente Médio e Próximo encontra, nas novas nacionalizações, a primeira resposta concreta na região, depois da condenação política formulada pelos três principais Estados árabes.

Segundo um relatório apresentado à Câmara dos Comuns pelo Ministro da Defesa britânico, a agressão ao Egito custou ao erário inglês mais de 1 bilhão de dólares, inutilmente esbanjados. A cifra subirá a muito mais, se levados em conta os lucros que deixarão de ser pagos aos acionistas britânicos da antiga Cia. de Suez e os que impedem a nacionalização imediata dos bancos e companhias que vem de ser decretada (para os Estados não agressores a medida será executada em um prazo de cinco anos). Contrariamente a essa bancarrota, as correntes legitimamente nacionais firmaram-se no Egito e esse país passou a usufruir de maior autoridade internacional, sendo um dos líderes do movimento emancipador dos povos árabes. Esse é um exemplo dos tempos: os que vacilam e tergiversam na luta nacional são facilmente substituídos; os que perseveram, apoiados no povo e nos países amantes da paz obtêm a vitória. Mossadegh e Nasser exemplificariam os dois casos, se não preferíssemos recordar que enquanto o desassombro do Governo do Cairo lhe devolve Suez, as tergiversações do Catete nos arrancam o secular domínio no arquipélago de Fernando de Noronha.

# Acordos Atômicos Secretamente Concluídos Com os Estados Unidos

A política da «segunda posição» (preparação do Brasil para uma guerra ao lado dos Estados Unidos), política anunciada pelo ministro Macêdo Soares quando da assinatura do acordo sobre Fernando de Noronha, reintroduz a orientação entreguista dentro do atual governo mediante tentativas, já em pleno desenvolvimento, de torpedeamento das medidas de

caráter patriótico até agora tomadas sob a pressão das correntes nacionalistas e democráticas de dentro e fora da atual administração. Um dos primeiros objetivos visados é a liquidação da nova política atômica, traçada no comunicado do Conselho de Segurança Nacional de 30 de agosto do ano passado.

são ainda algumas indicações dadas, de passagem, pelo sr. Amaral Peixoto sobre o conteúdo dos documentos que levou para assinar, em Washington.

brasileiro, através da gestão de agentes dos monopólios ianques, como Macêdo Soares e Amaral Peixoto, e da chantagem da «ameaça de guerra iminente». Consistiria esta primeira investida no financiamento de empresas particulares norte-americanas à Petrobrás, financiamento este que seria amortizado, posteriormente, através da entrega de ações daquela empresa a grupos ianques (Standard Oil etc.).

## «Jacaréacanga» Marítima Abortada Pelo Ridículo

O PLANO DE RAPTO DO SR. KUBITSCHKEK, A BORDO DO «BARROSO», TRANSFORMOU NUM SAO CO DE GATOS O GRUPO GOLPISTA — LACERDA CENSURA O BRIGADEIRO GOMES DE HAVER DEIXADO PASSAR A OPORTUNIDADE DE «CUMPRIR O SEU DEVER» E RAFAEL CORREIA ATACA PENA BOTO POR «HAVER ADERIDO AO GOVERNO»

A revelação sensacional, feita por dois diários desta Capital (o «Diário Carioca» e a «Última Hora») de um fracassado «putsch» visando ao rapto do Presidente da República, quando de sua viagem no cruzador «Barroso» do porto de Santos ao Rio, não encontrou até agora nenhum desmentido categórico das pessoas citadas como envolvidas ou cientes do plano melagomaniaco e desesperado.

As reportagens publicadas a respeito indicam:

- 1) que o plano foi preparado sob instigação de golpistas empedernidos, à frente Carlos Lacerda, Raimundo Padilha, Rafael Correia de Oliveira e alguns almirantes reformados, cujos nomes não foram citados;
- 2) que um dos principais articuladores da aventura foi o brigadeiro Guedes Muniz;
- 3) que o almirante fascista Pena Boto e o brigadeiro Eduardo Gomes, postos a par da conspiração insensata, tiveram de condená-la com veemência, não porque se opunham a soluções golpistas, mas porque compreenderam que a aventura estaria fadada ao fracasso e ao ridículo, como já sucedera com a de Jacaréacanga;
- 4) finalmente, que várias autoridades da Marinha, entre elas o almirante Renato Guilhobel, chefe do Estado Maior da Armada, estão minuciosamente informadas dos acontecimentos, conhecendo um a um os nomes dos que tentaram articular a baderna fracassada.

## O SILÊNCIO DOS IMPLICADOS

Pois bem. Nas revelações publicadas pela «Última Hora» e pelo «Diário Carioca» estão citados nomes de autoridades militares e de elementos civis, bem como fixadas as posições que assumiram diante do plano aventureiro. Todos esses elementos devem, naturalmente, esclarecimentos à nação, mas, até agora, não abriram a boca para confirmar ou desmentir que tem sido dito a respeito deles.

Sómente o deputado Rafael Correia de Oliveira tentou, não um desmentido dos fatos denunciados, mas uma desconversa, afirmando que ele e seus parceiros, embora conspirando para a derrubada do atual governo, não iriam tentar um rapto do sr. Juscelino Kubitschek para deixar que, em sua ausência, «o general Lott» (isto é, as forças armadas que defendem a Constituição) empusasse, na Presidência da Re-

pública, o sr. João Goulart (substituto legal do sr. Kubitschek).

Pela desconversa do sr. Rafael Correia de Oliveira vê-se claramente que foi este o argumento de pégo que levou homens como o fascista Pena Boto e o brigadeiro Eduardo Gomes a se oporem com energia ao plano fracassado. Apesar de desesperados, esses chefes golpistas não usaram se meter numa aventura cuja consequência lógica seria levá-los todos à cadeia.

## DEGLADIAM-SE OS GOLPISTAS

A consequência imediata do fracasso deste imaginoso plano golpista foi uma certa desarticulação dentro do bando do golpe, onde entram em choque seus principais expoentes. Assim é que Rafael Correia de Oliveira entra a atacar o fascista Pena Boto, não por seu fascismo impenitente, mas acusando-o de «haver aderido ao governo». Por seu turno, o pasquineiro Carlos Lacerda censura acrememente o brigadeiro Eduardo Gomes por «haver deixado passar a oportunidade de cumprir o seu dever». As insinua-

ções são bastante claras para quem tenha lido o relato da ridícula conspiração visando ao sequestro do sr. Kubitschek.

## CONTINUAM A CONSPIRAR

Em todos estes fatos não se pode ver, apenas, a ação de um bando desesperado com o seu fracasso político e que leva até o delírio o rancor da derrota. Nem todos os golpistas agem como aqueles quixotescos oficiais de Jacaréacanga ou como os desasistados planejadores do «complot» marítimo contra o Presidente da República. Muitos deles, como Juarez Távora, Eduardo Gomes, Amorim do Vale — com uma experiência mais vasta de conspirações golpistas — prosseguem trabalhando na sombra, articulando-se mais diretamente aos planos do imperialismo norte-americano para expelir do governo os setores democráticos e nacionalistas, que o «New York Times» chama de «praga».

Daí a necessidade de uma vigilância contínua das forças democráticas e patrióticas, de dentro e de fora do governo, que devem se unir resolutamente contra as ameaças de golpes e as pressões para levar a atual administração a realizar as evigências ianques e os planos liberticidas do golpismo.

## Inflação — Um Tema no Centro Dos Debates Políticos no País

O problema da inflação tende a tornar-se um dos temas palpitantes da controvérsia política entre governo e oposição. Embora envolva inúmeros aspectos técnicos, é um tema que diz respeito aos interesses imediatos das grandes massas populares, já que inflação significa vida mais cara, redução do poder aquisitivo dos salários e ordenados, uma massa de dificuldades crescentes que recai sobre os ombros da população.

A inflação expressa-se pela desvalorização crescente da moeda e elevação do nível de preços, o que determina uma espécie de ciclo vicioso: em consequência do aumento dos preços o governo recorre às emissões de papel moeda para fazer face às suas despesas e estas emissões, por sua vez, forçam novamente a elevação dos preços.

É o que sucede no Brasil onde cresce continuamente o volume de moeda em circulação sem um correspondente aumento da produção nacional, forçando isto uma alta contínua dos preços. No ano passado houve um aumento de mais de 12 bilhões de cruzeiros no meio circulante ao passo que o custo da vida se elevava entre 25 e 35%, segundo cálculos de diferentes órgãos técnicos.

## ALGUMAS CAUSAS DA INFLAÇÃO

As causas da inflação no Brasil são diversas, figurando entre as fundamentais:

— a deterioração de nossas mercadorias

no comércio exterior (isto é, entregamos sempre maior quantidade de mercadorias em troca das que compramos no estrangeiro, principalmente em países como os Estados Unidos). Se as mercadorias que compramos no estrangeiro nos saem sempre mais caras exigem que entreguemos em troca, maior quantidade das nossas mercadorias, isto significa, na prática, uma desvalorização de nossa moeda, provocando a elevação dos preços internos e forçando o surto inflacionário.

— o sacrifício das divisas que obtemos no exterior para cobrir a remessa de lucros e dividendos dos capitais estrangeiros que operam no país, assim como para a amortização de empréstimos que o governo tem contratado nos EE. UU. Isto faz que uma parte da produção nacional se transfira, na prática, sem compensação, para certos países estrangeiros, o que reduz a quantidade de bens disponíveis no país tanto para o consumo produtivo como para o consumo pessoal.

— os gastos improdutivo da administração pública, que produzem os déficits orçamentários e forçam, para cobri-los, os aumentos dos impostos e das emissões de papel-moeda.

Várias outras causas concorrem para a inflação brasileira, mas é evidente que se esquecem as acima apontadas, especialmente as duas primeiras, como o faz o governo, sendo sempre precário e ineficazes as medidas adotadas para deter a onda inflacionária.

## ACORDOS SIGILOSOS

De fato, o embaixador Amaral Peixoto, em entrevista à imprensa já anunciou a assinatura, nas próximas semanas, de dois acordos sobre prospecção de minerais atômicos e fornecimento de combustível atômico com os Estados Unidos. O texto desses ajustes — informou ainda o embaixador — já é definitivo. «O assunto está praticamente resolvido e comigo levarei para os Estados Unidos os acordos para serem assinados».

Ora, a negociação desses acordos se processou em absoluto sigilo, não se conhecendo, até agora, quem os redigiu, quem os negociou e até mesmo os textos dos documentos. Foi consultado o Conselho de Segurança Nacional? Foram feitas consultas aos órgãos especializados do governo? Não se sabe.

Tudo isto contraria frontalmente a orientação constante da nota do Conselho de Segurança Nacional, de 30 de agosto de 56; onde se determina que todos os acordos sobre política atômica sejam submetidos ao exame prévio não somente dos órgãos competentes da administração, como também, e principalmente, do Congresso. Mas desses acordos que o sr. Amaral Peixoto levou para Washington, em sua bagagem, nem o Parlamento nem a opinião pública nacional têm o mínimo conhecimento. Assim, o governo infringe, abertamente, uma orientação que se tracou com a aprovação quase unânime da opinião pública, há seis meses atrás.

## CARÁTER SUSPEITO

Tudo isto torna extremamente suspeito o caráter deste ajuste concluído sigilosamente e à revelia do próprio Parlamento. Mais suspeitas

Assim por exemplo, no que se refere ao acordo para a cessação, pelo governo norte-americano, «dentro de razoáveis condições» de combustível atômico, figura uma cláusula para a venda exclusiva aos Estados Unidos do «plutônio resultante dos trabalhos realizados no Brasil». Por semelhança a cláusula é de vez quais serão as outras «condições razoáveis» impostas pelos governantes dos Estados Unidos. Tudo leva a crer que se volta ao espírito de monopólio, concedido aos Estados Unidos, no acordo atômico de 55, mandando elaborar por Juarez Távora sob esquemas fornecidos pela embaixada norte-americana.

## BRECHAS NA PETROBRÁS

Mas não só a política atômica nacionalista, traçada pelo Conselho de Segurança Nacional, está sob ameaça de golpe. Há rumores crescentes, mesmo em círculos governamentais, de manobras para abrir brechas na Petrobrás. Publicações norte-americanas especializadas já chegaram mesmo a concretizar as primeiras fases deste plano entreguista que seria imposto ao governo

## MOBILIZAÇÃO POPULAR

Evidentemente, pode-se esperar dentro do próprio governo resistência a estas manobras contra a nova política atômica e contra a Petrobrás, manobras que põem em perigo a soberania nacional. Mas o essencial, em tais circunstâncias, é a mobilização popular e das forças patrióticas e nacionalistas para impedir que entre efetivamente em execução esta política entreguista da «segunda posição». Urge, por exemplo, que todos os setores que fizeram a campanha contra a política atômica inspirada por Juarez Távora voltem a se unir e lutar pela aplicação efetiva da orientação da nota do Conselho de Segurança Nacional e para que todos os acordos sobre energia nuclear sejam previamente submetidos ao Congresso.

## Semana Política

No primeiro ano de seu governo, o sr. Kubitschek pronunciou um discurso, durante o jantar que lhe ofereceu a Confederação Nacional do Comércio, onde expôs suas opiniões sobre os problemas do desenvolvimento econômico do país.

O sr. Kubitschek — e nisto tem razão — encara o desenvolvimento econômico como a primeira e principal tarefa do governo, sem a realização da qual é impossível um melhoramento substancial do nível de vida do povo e a «afirmação de um Brasil autônomo e poderoso». Mas, para imprimir o ritmo desejado e a orientação justa a este desenvolvimento é necessário, antes de tudo, combater com medidas eficazes tudo aquilo que entrava este desenvolvimento e o deforma, em detrimento dos interesses fundamentais do povo brasileiro. E aí é que o discurso do sr. Kubitschek — e sua orientação prática, à frente do governo — pecam por equívoco e falta de coragem de enfrentar resolutamente os problemas que surgem.

Para o sr. Kubitschek o problema do desenvolvimento nacional é uma simples questão de «mudança de mentalidade». E mesmo esta mudança de «mentalidade» ele a encara como a criação de um «espírito de empresa» e não como a transformação radical, sobretudo nos órgãos do próprio governo, da atitude entreguista que os caracterizava até há pouco tempo e que ainda perdura, em grande escala, em muitos setores.

Ora, por mais que os capitalistas brasileiros desenvolvam este «espírito de empresa», poucos éxitos conseguirão, no sentido de impulsionar um desenvolvimento independente da economia nacional, enquanto se virem cercados pelos múltiplos empecilhos criados pela dominação dos monopólios imperialistas sobre setores vitais de nossa economia e pelos obstáculos que os latifúndios semifeudais oferecem a uma mais rápida expansão do mercado interno. Por maiores que sejam as ambições do governo de fomentar o desenvolvimento econômico, este não poderá alcançar um ritmo à altura de nossas necessidades, enquanto o país tiver parte crescente de sua renda nacional drenada para os grandes países capitalistas, especialmente os EE. UU., através de todo um sistema de sucção, que vai desde o monopólio sobre o nosso comércio exterior com a consequente deterioração do valor de nossas mercadorias, até a transferência de capitais para fora do país, sob a forma de juros, dividendos e lucros fabulosos.

O problema do desenvolvimento do país não é simples questão de «mentalidade»; mas de medidas práticas e urgentes capazes de assegurar uma capitalização mais rápida e sem o sacrifício, atual, do nível de vida das massas trabalhadoras.

# A Situação no Movimento Comunista

**"AS CONDIÇÕES SÃO TAIS QUE, OBJETIVAMENTE, RECLAMAM E TORNAM POSSIVEL UM NOVO DESENVOLVIMENTO E PROGRESSO DO MOVIMENTO COMUNISTA. O MOMENTO CRITICO QUE ATRAVESSAMOS É, POIS, UM MOMENTO NÃO DE REVISÃO, DE REPENSAMENTO ESTÉRIL, MAS DE DESENVOLVIMENTOS CRIADORES, QUE NOS DÃO A SEGURANÇA DE INEVITÁVEIS ÊXITOS"**  
— TRECHO DO INFORME DE PALMIRO Togliatti ao VIII Congresso do P. C. ITALIANO

"Estamos, sem dúvida, atravessando um momento difícil do nosso movimento. Não o escondemos, e não o escondemos, precisamente, para

## Apelo Aos Países Latino-Americanos

O secretário-geral do Movimento Nacional Argelino, Moulay Merbah, dirigiu-se às delegações dos países latino-americanos na ONU, pedindo-lhes que apoiem o princípio da intervenção desse organismo internacional na questão argelina. No momento em que se discute na ONU a indefensável tese francesa de que a Argélia é parte integrante do seu território, quando na verdade aquele país é parte de um grupo de nações árabes e foi invadido militarmente no século passado pela França, seria natural que os países da América Latina, entre os quais o Brasil, se colocassem ao lado do povo argelino na sua justa reivindicação de autonomia.

conseguir não só compreender bem do que se trata, como ainda para fazer bem o que é necessário fazer. Momentos críticos atravessou o movimento operário, em países determinados e internacionalmente, todas as vezes em que foi necessária ou a correção de orientações errôneas que anteriormente haviam lançado raízes profundas, ou a adoção de novas orientações políticas e de ação, determinadas por modificações que sobrevieram na situação objetiva. Ambos esses motivos estão, hoje presentes e o nosso movimento não pode deixar de os ter em conta. A crítica e denúncia do XX Congresso, que agora estamos justamente valorizando, criaram condições para um novo desenvolvimento, e desenvolvimento múltiplo, de forma diversa e original sobre um espaço determinada. O mundo socialista reforça-se renovando-se, articulando-se no próprio interior de modo novo, rompendo esquemas e incrustações que só freavam o desenvolvimento, estabelecendo laços mais sólidos com

as massas trabalhadoras, liquidando a ilegalidade, a limitação absurda dos direitos democráticos, aceitando o debate e o confronto aberto com ideologias diversas da nossa, libertando a ciência e a arte de danosa pasmaceira. De modo novo constroem-se as relações entre os diversos países socialistas, como já acentuamos. Seja-me consentido acrescentar — porquanto o assunto não é de nossa competência direta — que mesmo no campo das relações econômicas entre esses países estamos, provavelmente, no início de um novo período, no qual tais relações parece que devem se desenvolver em nível superior. Isto é imposto pelo próprio abandono da mística e servil imitação das realizações soviéticas neste campo. A União Soviética forneceu, até agora, uma ajuda enorme para o desenvolvimento dos países socialistas, para superar as dificuldades deles, para que construíssem fábricas, para que adquirissem as conquistas mais avançadas da técnica, inclusive instalações atômicas mais modernas. Se fosse possível calcular o valor material desta ajuda, atingiríamos cifras astronômicas. Os povos da União Soviética conquistaram, com este empenho e este sacrifício, o reconhecimento imorredouro de todo o movimento operário. Mas surge o momento no qual, inclusive o método desta ajuda é inadequado para resolver o verdadeiro problema, que é o da instauração de um sistema de cooperação econômica que, sem ferir de nenhum modo a independência e a soberania de cada Estado, permita, através de uma espécie de divisão do trabalho internacional, a redução dos custos, o aumento da produtividade e, portanto, um maior bem-estar em cada um desses países. Este sempre



Palmiro Togliatti e Jacques Duclos palestram durante uma reunião política de que participaram os dois destacados dirigentes comunistas europeus

foi o objetivo de que falavam os iniciadores e os grandes mestres de nosso movimento, quando lançavam o olhar para o futuro.

As condições são tais que, objetivamente, reclamam e tornam possível um novo desenvolvimento e progresso do movimento comunista. O momento, crítico que atravessamos é, pois, um momento não de revisão, de repensamento estéril mas de desenvolvimentos criadores, que nos dão a segurança de inevitáveis novos êxitos.

## AS RELAÇÕES ENTRE OS PARTIDOS COMUNISTAS

É natural que a questão das relações entre os partidos comunistas e operários se coloque, também, nesta situação, com agudeza e em nova forma. A Internacional Comunista realizou uma grande obra no passado para dar uma orientação revolucionária ao movimento operário e educar mais de uma geração de seus quadros. Mas expressou-se, em suas decisões, a preponderância de um certo sectarismo, que isolava os comunistas das grandes massas trabalhadoras. O sectarismo foi sendo, porém, liquidado com energia quando, diante da ameaça do fascismo e da guerra, a união dos trabalhadores e das forças democráticas se apresentou como a suprema necessidade. Mesmo na atuação curta e fragmentária do Bureau de Informação houve uma tendência a certo fechamento sectário, como o demonstrou a errada decisão que levou à ruptura com o movimento comunista iugoslavo. A indispensável pesquisa, por cada um dos partidos, do caminho peculiar de avanço e luta pelo socialismo, particularmente de um caminho próprio de desenvolvimento interno, exige autonomia de pesquisa e julgamento na aplicação à situação nacional dos princípios do marxismo-leninismo, que são o nosso guia. Estes mesmos princípios não são um dogma. Eles nos fornecem um método segundo o qual estamos em condições de entender a realidade, de adequar a esta realidade a nossa ação e, através da ação, desenvolver esses mesmos princípios e descobrir novas leis reguladoras da criação de um mundo socialista, novas orientações e indicações de um movimento comunista que se

tornou, hoje, uma força mundial, e de um movimento de massas dirigido pelos comunistas como não existiu até agora. Ter fé nos princípios e deles deduzir tudo que é necessário para a nossa renovação, esta é a tarefa que está hoje diante de todos nós.

É uma tarefa difícil, e para bem resolvê-la é necessária a ajuda recíproca de todos os setores do nosso movimento, de todos os nossos partidos. Não existindo mais uma organização única e mesmo um centro único de direção, pensou-se num sistema de grupos e centros múltiplos, mas ainda esta forma de organização evidencia-se incompatível com a plena autonomia de cada partido e isso resulta em dar a um ou outro desses partidos uma excessiva responsabilidade.

## RELAÇÕES BILATERAIS

O sistema das relações bilaterais satisfaz à exigência de autonomia. Ele mesmo deve ser praticado com seriedade e com especial empenho, levando-se em conta a particular situação moderna. As relações bilaterais devem compreender, antes de tudo, o conhecimento recíproco e o recíproco respeito, e devem admitir e, melhor, devem solicitar as críticas amistosas, que formulem os problemas e contribuam ao aprofundamento deles. O que não é admissível, de qualquer parte, de onde possa vir, seria um retorno aos sistemas que criticamos e superamos, a intervenção nos assuntos internos de outros partidos, a transformação da crítica em ataque que lance o descrédito e a confusão, a desconfiança preconcebida, o apoio aberto ou disfarçado a uma luta de fração, o estímulo à ruptura da unidade dos outros partidos ou de todo o nosso movimento. A base destes princípios regularizemos nossas relações com a Liga dos Comunistas Iugoslavos. Consideramos positivo este fato e para nós instrutivo os primeiros resultados de nosso estudo da experiência da construção socialista na Iugoslávia. Desenvolvementos estas antigas relações. Mas não se deve cair em erros que violem os princípios acima indicados. Consideramos perigosa, não verdadeira e não justa a tentativa de dividir em dois o movimento comunista, como se existisse uma parte por princípio contrária às decisões do XX Congresso e às consequências que dele se devem tirar. Em vez disso, existem modos diversos, em

diversos países, de realizar as necessárias correções. Nas próprias democracias populares, errariam redondamente os que considerassem comum a todas elas a situação que se revelou na Hungria, que fechassem os olhos diante dos progressos já alcançados e aos novos êxitos obtidos, como a recente legislação sobre seguro social, por exemplo. A renovação deve realizar-se. Fatos como os da Hungria não devem repetir-se, de nenhum modo. Mas renovação não quer dizer ruptura, e para que não se repitam fatos graves, são essenciais a unidade e a confiança dos partidos operários e uma justa atuação deles, que estreite de modo inquebrantável seus laços com as massas.

## REUNE-SE O SOVIET SUPREMO DA URSS

Iniciou suas reuniões a VI sessão do Soviet Supremo da URSS. Importantes questões relativas ao contínuo desenvolvimento da economia socialista e do bem-estar do povo soviético serão tratadas nessa sessão. Questões da legalidade socialista e da política externa da União Soviética também serão discutidas, devendo sobre estas pronunciar-se coletivamente o Soviet Supremo.

Na parte relativa à situação econômica da URSS, são previstas a modernização crescente da maquinaria, por meio da mais intensa automatização, a melhoria do abastecimento e do rendimento das empresas, a descentralização econômica, o aumento da produção dos bens de consumo e o prosseguimento da construção de viviendas em grande escala e de acordo com os métodos mais novos. Sobre essas questões apresentou informe Mikhail Pevukhin, vice-presidente do Conselho de Ministros.

Entre as melhorias que constam dos novos planos de governo na URSS inclui-se a redução de 6 bilhões de rublos no orçamento da defesa. Pelo segundo ano consecutivo o governo soviético adota essa medida, enquanto se elevam as verbas militares nos Estados Unidos conforme se pode ver do orçamento de 1957 (40 bilhões de dólares em relação a 36 bilhões de 1956). A redução prevista na URSS sobre a 36% em relação ao orçamento da defesa do último ano.

## Hoover vê Indícios de Crise Na Economia Norte-Americana

O sr. Herbert C. Hoover, que era presidente dos Estados Unidos quando eclodiu a crise de 1929, declarou ante a Terceira Conferência Anual de Reorganização Governamental que há sintomas de crise em seu país. «Os meus cabelos já se eriçaram uma vez — disse o ex-presidente americano — e creio que tenho prática para descobrir os sintomas». O antigo comissário norte-americano na Bélgica após a primeira guerra mundial é, de fato, por suas ligações com os grandes consórcios econômicos, pessoa autorizada para falar sobre o assunto.

## DA INFLAÇÃO À DEPRESSÃO

Na verdade não somente o ex-presidente Hoover já se referiu nos últimos meses aos sintomas de crise na economia dos Estados Unidos. Ainda em dezembro uma das principais revistas dos círculos financeiros ianques — «The Magazin of Wall Street» — referia-se ao «nervosismo» da economia americana, a qual, segundo a revista, possui nos últimos dois anos uma «linha bastante tensa, esticando-se da inflação para a depressão». Tal pronunciamento expressa, de certo modo, o temor, que não é apenas dos círculos monopolistas, de redução das atividades comerciais no ano em curso.

## CRESCEM OS ESTOQUES RETIDOS

Outro indício evidente dessa situação é citado em artigo do comentarista norte-americano Joseph Norton, que se baseia em informações do mesmo jornal. Espera-se até março do ano corrente uma baixa nas invenções de capital.

A esse problema se liga evidentemente o aumento dos estoques de produção não vendida. Em setembro do ano próximo passado, os estoques acumulados em poder dos

patrões e comerciantes eram calculados no valor de 86 bilhões e meio de dólares em comparação com 80 bilhões do último ano. Se em parte se pode atribuir ao aumento dos preços o crescimento dos estoques retidos, é certo que isto também reflete a incapacidade dos mercados interno e externo de alcançar o nível da produção.

## SÉRIOS FATORES DE INTRANQUILIDADE

Por outro lado, quase não aumentou o volume do comércio a varejo em comparação com o ano de 53. Durante o último ano o comércio dos magazines e lojas universais elevou-se apenas em 3%, o que reflete mais o aumento dos preços que do volume dos negócios. Outra demonstração do atraso da capacidade aquisitiva da população que se observa neste momento nos Estados Unidos é o crescimento do crédito para as mercadorias de consumo. Um dado interessante é que 70% dos automóveis vendidos o foram a crédito. E quanto às mercadorias de consumo em geral, pode-se ter uma visão realista se soubermos que já em outubro de 56 as dívidas a elas relativas haviam atingido a soma de 40 bilhões e 200 milhões de dólares em comparação com 32 bilhões em 1954.

Há fatores sérios de intranquilidade que conduzem à previsão de uma crise, se bem que nenhum dos economistas americanos, antes do autorizado pronunciamento de Hoover, já se houvesse referido a isso. A levar-se em conta, entretanto, o pessimismo de dois terços dos banqueiros que se reuniram em Congresso nacional, na Flórida, em dezembro do ano próximo passado, pode-se admitir em princípio que não sejam destituídas de fundamento as afirmações de um homem público sempre às voltas, como Herbert Hoover, com o termômetro econômico do país.

# BOLETIM DE DEBATE

## O XX CONGRESSO E OS NOSSOS DEBATES

**A** TUALMENTE, quando a reação imperialista procura desesperadamente deter o avanço do socialismo e do movimento de independência dos povos oprimidos, podemos ver com maior clareza ainda a imensa significação do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética e das novas perspectivas que abriu, principalmente para a luta pela paz. Os imperialistas, para justificar a agressão que vêm preparando contra a União Soviética e as demais conquistas dos povos nestes últimos 40 anos, desencadearam uma tremenda campanha anti-comunista. Sua propaganda tenta minar a confiança das forças progressistas na unidade e solidez do campo socialista e na justiça da política da União Soviética, que é a força dirigente desse campo, e esforça-se por romper a coesão dos partidos comunistas, através de um trabalho de descreditação da política desses partidos e dos seus velhos e firmes dirigentes. Eles aproveitaram-se das dificuldades e dos erros dos comunistas neste ou naquele país para atingir seus objetivos agressivos.

A luta é travada em escala mundial. Mas um rápido balanço nos indica que, apesar de alguns êxitos temporários, sobretudo pela confusão levada a alguns setores da intelectualidade, os imperialistas saíram derrotados e enfraquecidos. Após o fracasso na Hungria e no Egito, as contradições entre os imperialistas anglo-franceses de um lado, e os imperialistas americanos, de outro, se aguçaram, se bem não devamos perder de vista os esforços dos reacionários para uni-los. O movimento de libertação nacional saiu revigorado, não obstante a séria ameaça da "doutina" Eisenhower. Os povos sabem que em sua luta pela democracia, pela independência nacional e pela paz podem contar com a solidariedade do poderoso campo do socialismo. Já a dia, se fortalecem as forças da paz e crescem as suas possibilidades de esmagar os criminosos intentos dos incendiários de uma nova guerra mundial.

A ofensiva ideológica do imperialismo alcança também ao nosso país. O Partido Comunista do Brasil, que é o combatente mais tenaz pelas liberdades da paz e a independência de nossa Pátria, está sendo alvo da atividade divisionista dos inimigos do povo. E isto sucede porque os imperialistas americanos precisam arrancar concessões do governo do sr. Juscelino, contra os interesses nacionais e da causa da paz mundial. As recentes medidas do governo, enviando tropas para Suez e cedendo a base de Fernando de Noronha, põem em grave perigo o futuro do país. Este é um momento em que o proletariado e as grandes massas do povo brasileiro e mesmo setores importantes da burguesia e dos latifundiários preci-

sam unir-se para a salvaguarda de nossa soberania e para a luta pelos direitos democráticos. E' um instante em que a frente do povo deve estar um Partido Comunista combativo, firme e monolítico, capaz de efetivamente dirigir as ações populares e patrióticas contra os planos colonizadores e guerreiros dos imperialistas americanos. Mas eis que aparecem vozes dentro do próprio Partido, afirmando que o Partido cometeu erros e que, por isso, deve ser lançado ao monturo, como instrumento imprestável e caduco. Outros falam que o Partido deve rever seus fundamentos ideológicos, seus princípios marxistas-leninistas e transformar-se num partido liberal-burguês. Esses elementos, depois do XX Congresso e da denúncia do culto à personalidade de Stalin, e sob o impacto da contra-revolução na Hungria, tomaram os erros de Stalin como um sinal de fracasso do sistema socialista e do movimento comunista, e passaram a tirar conclusões falsas sobre diversas questões

Não compreenderam o verdadeiro sentido do XX Congresso e não refletem os interesses mais profundos do proletariado brasileiro e da causa do socialismo.

E' certo que, à luz dos ensinamentos do XX Congresso e dos atuais acontecimentos mundiais, os comunistas devem fazer um exame sério dos erros do Partido e tomar medidas energéticas para corrigi-los. Precisamos porém ver a natureza dessas erros e verificar que eles não são todos da mesma espécie dos ocorridos na União Soviética e em alguns outros países. Sou de opinião que o nosso Partido estabeleceu objetivos programáticos essencialmente justos que correspondem a atual etapa de desenvolvimento da sociedade brasileira. Após o golpe de 24 de agosto, intensificamos a busca das leis específicas da revolução brasileira, de um justo caminho que, baseado na experiência universal do marxismo-leninismo, das revoluções, da União Soviética, da China e de outros países, pudesse nos levar o mais rapidamente possível a um regime de democracia popular. Dêramos já importantes passos na formulação de uma correta tática política, como prova o êxito obtido pelo Partido na campanha eleitoral que deu a vitória a Juscelino Kubitschek e derrotou o golpe reacionário.

Entretanto, foi com o XX Congresso que surgiram indicações e teses justas para a solução de muitos problemas que nos inquietavam. A denúncia do culto à personalidade revelou o quanto eram insuficientes as medidas que proclamávamos a favor da direção coletiva e até que ponto estavam enraizados os métodos falsos, impositivos no trabalho do Partido com as massas entre os organismos militantes, dentro do Partido.

### PEDRO POMAR

Em matéria de organização, o sectarismo parecia até mal incurável, porque no combate de palavras que fazíamos a ele, não éramos capazes de assinalar suas raízes. O dogmatismo, especialmente nos últimos 5 anos, adquirira grande força, sem que pudessemos entender bem porque isso se dava. Na verdade, certos entraves existentes no Partido e que impediam sua maior ligação com as massas e sua transformação num instrumento mais apto para cumprir sua tarefa revolucionária, só foram focalizados mais amplamente pela experiência da luta contra o culto à personalidade na União Soviética, conforme demonstrou o XX Congresso.

Eram problemas esses de grande importância, que deviam ser enfrentados com a participação ativa de todos os militantes do Partido, caso tivéssemos compreendido logo as lições do XX Congresso. Mas devíamos fazê-lo sem pressa e tendo em conta a nossa ilegalidade. Além disto, os debates deveriam elevar o nível da vida política do Partido e sua capacidade de mobilizar, organizar e unir grandes massas, superando os erros e certos abusos que praticávamos principalmente os elementos da direção superior, no próprio curso do trabalho.

Cabe-me porém reconhecer que os debates demoraram a ser abertos não foram bem encaminhados pelo CC. E deve-se dizer que ninguém, a não ser os elementos influenciados pela campanha do inimigo queria um debate anárquico e sem princípios, que poria em risco a unidade e a segurança do Partido. A grande maioria dos militantes comunistas já possui nível para saber que o fortalecimento da democracia interna e o trabalho de direção coletiva exigem o reforçamento do centralismo democrático e da responsabilidade pessoal, e não o contrário, como pensam alguns camaradas equivocados.

Sómente agora entrando nos debates, por motivos alheios à minha vontade, constato que poucos aceitaram as explicações do Projeto de Resolução do CC. sobre as causas do atraso da discussão. Mas vejamos algumas opiniões escritas sobre esse atraso.

1. — Alguns atribuem a demora à falta de espírito autocrítico do CC. Em parte isto aconteceu. A verdade inteira porém parece-me outra, porque o espírito autocrítico, embora imprescindível nos comunistas, sobretudo nos dirigentes, nem sempre sobressai de modo correto e com rapidez problemas intrincados e que, por vezes, demandam tempo e serenidade. Ademais, Prestes e outros dirigentes têm dado provas de abnegação e de amor ao Partido em toda a sua vida e não se negariam, nem se negarão, a reco-

nhecer seus erros, desde que convencidos deles e de suas origens ideológicas e políticas. Os debates que realizamos é que nos ajudarão a ver melhor tais erros e a corrigi-los sem falta. Sou daqueles que desejam uma revisão dos erros do Partido e das posições ideológicas, políticas e organizativas de cada dirigente. Mas a experiência no terreno da autocrítica nos diz que essa seja feita de forma amadurecida, considerando as circunstâncias, vendo acima de tudo os interesses do Partido, sem olhar pessoas e não utilizando os métodos punitivos, de puro castigo. "Censurar pelo passado para servir de advertência no futuro" e "tratar da doença para salvar o enfermo" tais os ensinamentos que nos dão sobre o emprego da crítica e da autocrítica os nossos camaradas chineses.

2. — Também não concordo que todos os erros do Partido, bem como o atraso da discussão, se devam ao "sistema" do culto à personalidade, estabelecido no Partido. Isso é exagero. Houve culto à personalidade de Stalin por quase todos nós, mas as consequências desse culto não chegam aos extremos que lhe querem atribuir. A medida que o tempo passa e as cabeças se esfriam, as proporções do culto vão adquirindo seus justos limites. Os documentos do CC. do P.C.U.S. e do Partido Comunista da China muito nos têm ajudado para isso.

3. — Recuso a tese de que a direção do Partido está superada, por não ter esclarecido a tempo e orientado o Partido sobre as questões surgidas no movimento comunista mundial e que se apresentam também em nosso país. Basta ver que nenhum "iluminado" ou "dono de novo" conseguiu articular algo coerente e parecido com o Projeto de Resolução do CC., apesar dos seus defeitos, que agora não discuto.

Ao não aceitar essas críticas concordo porém que o Projeto de Resolução, além de passar as mãos pela cabeça da delegação que foi ao XX Congresso, nada diz sobre a causa real do atraso da discussão. Essa causa a meu ver esteve na subestimação da importância do XX Congresso do PCUS e na incompreensão de suas teses e conclusões principais por parte do CC. Por esta razão o CC. deixou de reunir-se e de convocar o Partido para o exame dessas teses. (Devo dizer que também fui daqueles que não vi a enorme significação do XX Congresso). Isso, por sua vez, representou uma séria subestimação do Partido e uma demonstração concreta de que os métodos de direção coletiva não eram empregados na própria direção do Partido. Era também uma prova das grandes debilidades teóricas e ideológicas do C.C., que além de não ver

com mais profundidade o desenvolvimento da situação brasileira ainda por cima temia travar luta contra várias manifestações da ideologia inimiga que procuravam levantar a cabeça no Partido, a exemplo do nacionalismo burguês, com suas teorias objetivistas e liquidacionistas.

O momento exige entretanto que não fiquemos nessas constatações e sim que procuremos conduzir os debates e o curso do trabalho do Partido no sentido de tirar as lições indispensáveis do XX Congresso. Como disse, a carta oportuna e justa do camarada Prestes, os fundamentos de nosso Partido, os

princípios marxistas-leninistas e as idéias do internacionalismo proletário não estão em jogo e devem ser defendidos firmemente por todos os comunistas. Só quem perde de vista os inimigos do proletariado e do povo brasileiro pode levantar dúvida e querer discutir sobre isso. Mas os que lutamos para tornar o Partido mais forte e unido, não vacilamos. Eleve-mos pois o nível dos debates, procurando orientar-nos para a apreciação dos problemas ideológicos, políticos e organizativos em função dos interesses do avanço da revolução brasileira. Com este espírito, espero voltar aos debates.

### REUNIU-SE EM PLENO O C. Z. DO TATUAPÉ DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL PARA DISCUTIR E OPINAR SOBRE O PROJETO DE RESOLUÇÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PCB

Na reunião, que demorou vários dias, travaram-se acalorados e fecundos debates em torno das indicações e sugestões levantadas pelo Projeto de Resolução do C.C. Foram feitas críticas ao C.C. pela demora na abertura dos debates sobre os problemas suscitados pelo XX Congresso do P.C.U.S., o que determinou que a discussão fosse aberta de modo não justo e infringindo a disciplina do Partido. Foram criticados o C.C., o C.R. e o primeiro secretário do C.Z. pelos métodos adotados na política de quadros.

Foram criticadas algumas teses do Programa do P. C. B. por já estarem superadas em consequência dos acontecimentos que se verificaram no país a partir de junho de 1954, mas no fundamental foi considerado justo, pois continuam com toda a sua validade as teses da luta contra o imperialismo norte-americano e a reforma agrária.

Foi criticada a tendência sectária reinante, ainda, nas fileiras do Partido, o que impede que o Partido se ligue às amplas massas.

Foram criticados o oportunismo e o liberalismo nas fileiras do Partido, como tendências grandemente prejudiciais, que impedem a realização das tarefas práticas.

Houve críticas ao culto à personalidade e aos erros do camarada Stalin, como fenômenos nocivos ao marxismo-leninismo. Mas ao mesmo tempo se verificou que o combate ao culto de Stalin não está sendo justo, por reverter-se em culto às avessas, mostrando que todos os erros emanaram do camarada Stalin, omitindo os seus acertos e a grande contribuição que deu a causa do socialismo, e omitindo os erros de todos aqueles que erraram juntamente com o camarada Stalin que sob o pretexto de que se denunciavam tais erros cairiam na desgraça de Stalin. Esta posição é incompatível com a condição de comunistas marxistas-leninistas e prejudiciais ao movimento revolucionário mundial e ao socialismo.

Foram criticados alguns artigos dos Estatutos, principalmente o art. 51.

Foram criticados alguns aspectos da estrutura orgânica do Partido.

Foi criticada a displicência e a pouca importância dada pelo Partido às reivindicações das amplas massas.

Ao término dos debates que transcorreram em meio a grande animação e entusiasmo, foram aprovadas várias resoluções que tem como escopo democratizar a vida interna do Partido na Zona e melhorar os seus métodos de trabalho.

Além destas foram aprovadas ainda as seguintes resoluções:

— Congratular-se com o povo soviético e com o P.C.U.S. pela sua luta, intransigente, em prol da libertação dos povos oprimidos e pela manutenção da Paz mundial.

— Dar o seu apoio integral aos capazes e abençoados camaradas do Comitê Central, à sua orientação e pelo projeto de resolução abrindo a discussão.

— Hipotecar apoio, solidariedade e congratular-se com o camarada Prestes, pela grande contribuição que sua carta trouxe aos debates que ora se realizam.

— Lutar, intransigentemente, pela unidade nas fileiras do Partido, pelo marxismo-leninismo, pela paz entre todos os povos do mundo, pelo internacionalismo proletário e pelo socialismo.

— Lutar sem tréguas contra o oportunismo, liberalismo e dogmatismo.

— Lutar com o sacrifício da própria vida pelas liberdades, contra os golpes reacionários, pelas causas da classe operária, pelo bem-estar do povo e pelo progresso do Brasil.

O COMITÊ DE ZONA DO TATUAPÉ DO P.C.B.  
Novembro de 1956.

# Projeto de Resolução do C. C. do P. C. B.

FOI DIVULGADO O SEGUINTE DOCUMENTO:  
DOCUMENTO:

1 O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil examinou através de amplos e democráticos debates, uma série de problemas relacionados com o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética e seus importantes ensinamentos, com o movimento comunista e democrático mundial e com a atividade de nosso Partido. A demora de quase oito meses na abertura da discussão desses problemas é injustificável. A delegação de nosso Partido, que assistiu, como convidada, ao XX Congresso do P.C.U.S., errou ao retardar demasiadamente sua volta ao Brasil. O Presidium do C. C. do P. C. B. também cometeu o erro de não convocar o Pleno do P. C. B. além disso, grande número de membros do C. C. esteve várias vezes reunido e não exigiu a convocação do Pleno do C. C. Em junho último, na V Conferência Nacional do Partido, o C. C. não aproveitou o ensejo para levantar tais problemas. Esta demora deixou nosso Partido em atitude de expectativa, profundamente chocado com a revelação das consequências nefastas do culto à personalidade na União Soviética e nos países de democracia popular da Europa, e em dificuldades para enfrentar seus mais importantes problemas.

Reconhecendo os prejuízos daí decorrentes, o Comitê Central recomenda que o estudo e a discussão das principais questões levantadas no XX Congresso do P. C. U. S. sejam feitos simultaneamente com o exame crítico aprofundado das posições e da atividade de nosso Partido. A discussão de tais questões concorrerá para despertar no seio do Partido uma atmosfera democrática e criadora inteiramente nova, verdadeiramente crítica e autocrítica, o que facilitará a correção de erros e falhas em nossas posições ideológicas e políticas e levará a uma radical mudança nos métodos de trabalho no Partido e do Partido com as massas.

2 Novas condições surgem e se desenvolvem no mundo. Enormes são os êxitos do povo soviético, que avança vitoriosamente na construção do comunismo. O socialismo transformou-se em sistema mundial, fato novo e fundamental que, nas atuais circunstâncias, condiciona todo o desenvolvimento histórico. Grandiosos são o progresso das forças socialistas e a influência das idéias socialistas. Crescem sem cessar as correntes que lutam pela paz, a liberdade, a democracia e o socialismo. Uma nação após outra se liberta do jugo imperialista. Tudo isto faz prever um surto jamais visto de progresso material e espiritual para toda a humanidade.

Antes da segunda grande guerra, o sistema socialista compreendia unicamente os povos da União Soviética, representando 17% do território, perto de 9% da população e apenas 7% da produção industrial do mundo. Hoje, os países socialistas ocupam mais de 25% da superfície do globo, com uma população superior a 35% do total mundial e suas indústrias contribuem com cerca de 30% da produção industrial do mundo. O que caracteriza o desenvolvimento do sistema socialista mundial é o fato de que ele se processa com um ritmo sem precedentes na história.

Simultaneamente, assistimos à rápida decomposição do sistema colonial, que é um dos pilares do imperialismo. De cerca de 1 bilhão e 500 milhões de seres humanos que antes da segunda guerra mundial compunham a população das colônias e países dependentes, mais de 1 bilhão e 240 milhões já se libertaram da condição de dependência colonial e semi-colonial. O capitalismo se viu impotente para impedir esse processo histórico.

A formação do sistema socialista mundial e a desagregação do sistema colonial do imperialismo colocam os povos que lutam por sua libertação diante de nova situação e de novos problemas. Para os povos dos países pouco desenvolvidos, que aspiram ao progresso e ao desenvolvimento econômico independente, torna-se cada vez mais claro que, mesmo sem fazer parte do sistema socialista mundial, podem desfrutar dos progressos deste sistema. As instalações industriais modernas de que necessitam podem ser obtidas nos países do socialismo, sem qualquer compromisso de caráter político ou militar contrário ao que ocorre com a chamada «ajuda» das potências imperialistas, cujo caráter opressor é evidente. Crescem ao mesmo tempo as contradições interimperialistas, e as potências capitalistas já não podem considerar os países pouco desenvolvidos exclusivamente como fonte de fabulosos lucros, vendo-se obrigados, em suas relações com eles, a fazer algumas concessões. Os povos dos países coloniais e dependentes podem hoje alcançar sua completa independência econômica mediante a conquista ou a consolidação da liberdade política e a realização de uma política externa independente e de acordo com os reais interesses nacionais. Força alguma poderá deter a vontade dos povos que lutam por uma vida livre e independente. A repressão armada a que recorrem as potências colonialistas contra povos que se libertaram ou lutam por libertar-se do jugo imperialista está condenada à derrota.

## SÓBRE OS ENSINAMENTOS DO XX CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA, O CULTO À PERSONALIDADE E SUAS CONSEQUÊNCIAS, A ATIVIDADE E AS TAREFAS DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

É característico de nossa época o surgimento e crescimento das mais variadas correntes que lutam pela paz, a liberdade, a democracia e o socialismo. Apesar das diferenças sociais, ideológicas e políticas, essas correntes podem e devem unir-se em torno de objetivos comuns, na luta contra o imperialismo e a guerra ou na defesa dos interesses vitais do povo.

Profundas são as modificações que se estão operando na estrutura social do mundo e nas idéias e na prática de milhões de seres humanos. O imperialismo, que gera as guerras modernas, não desapareceu, mas existem hoje forças suficientemente poderosas para assegurar uma paz mundial duradoura.

Aos povos do mundo capitalista, inclusive os que lutam por sua libertação do jugo imperialista, abrem-se novos e mais favoráveis caminhos em direção ao socialismo. Simultaneamente, surgem condições que facilitam e impulsionam uma unidade cada vez mais ampla da classe operária e das mais diversas correntes de opinião. São imensas as perspectivas que se apresentam ao movimento comunista e democrático no mundo inteiro.

Importante contribuição para compreender as questões essenciais do desenvolvimento internacional contemporâneo, que determinam a marcha atual dos acontecimentos e as perspectivas futuras, foi dada pelo XX Congresso do P.C.U.S.

3 No Brasil, também estão-se operando importantes modificações econômicas e sociais. São melhores as condições que permitem modificações na correlação de forças políticas favoravelmente à democracia, à independência e ao progresso. Tendem a unir-se as amplas forças patrióticas e democráticas, desde a classe operária até importantes setores da burguesia. Vai-se isolando e reduzindo a minoria de reacionários e agentes do imperialismo norte-americano, que luta desesperadamente contra as aspirações de nosso povo e os supremos interesses nacionais. Agravam-se as contradições no seio das classes dominantes, com reflexos em todos os partidos políticos, no parlamento e no seio do governo do sr. Juscelino Kubitschek.

Evidencia-se assim a tendência a uma polarização de forças no país. A atividade de nosso Partido tem sido orientada para acelerar esse processo.

As forças democráticas conseguiram alguns êxitos bastante expressivos nos últimos tempos, com a vitória nas eleições de 3 de outubro que levou aos movimentos de 11 e 21 de novembro, com a posse dos eleitos e a suspensão do estado de sítio. Através de campanhas patrióticas em defesa das riquezas nacionais, por uma política brasileira sobre o petróleo e a energia atômica, nosso povo alcançou grandes vitórias. As lutas pelas liberdades democráticas se desenvolveram e atingiram considerável amplitude na campanha da anistia e no atual movimento contra uma nova lei de imprensa. A conquista de novos níveis de salários-mínimo foi uma importante vitória das massas trabalhadoras. Amplos setores da população unem seus esforços na luta contra a carestia da vida.

Apesar dos êxitos alcançados, a unidade das forças que almejam a democracia e o progresso do Brasil tem sido insuficiente para impedir certos golpes contra o movimento democrático e patriótico e para obter novas e mais efetivas mudanças de caráter democrático e progressista na política interna e externa do país.

4 O Comitê Central, após examinar nossa própria experiência e a situação de nosso país que evolui e se modifica com rapidez, e levando em conta ainda a nova situação mundial conclui que a orientação política de nosso Partido deve ser a mais ampla, flexível e audaz. Nossa atividade deve ser orientada de modo a fazer avançar a unidade de todos os patriotas e democratas em torno de objetivos comuns, tais como:

1) Defesa da soberania nacional, por uma política externa de paz, pelo comércio livre e relações amistosas com todos os povos. Defesa e exploração das riquezas naturais. Defesa da indústria nacional, pelo desenvolvimento independente da economia brasileira.

2) Defesa das liberdades democráticas consagradas na Constituição, abolição das discriminações ideológicas e políticas, revogação das leis que ferem as franquias constitucionais. Extensão do voto aos analfabetos, soldados e marinheiros.

3) Melhoria das condições de vida dos trabalhadores das cidades e do campo. Medidas contra a inflação e a carestia da vida. Medidas eficazes de reforma agrária, que favoreçam a posse da terra e meios de trabalho aos camponeses. Redução das taxas de arrendamento da terra; extensão da legis-

lação social ao campo. Melhorias para os municípios e as populações do interior.

Para levar adiante esta orientação política, o Partido Comunista do Brasil deve estabelecer entendimentos e acordos com todas as forças, correntes de opinião e partidos políticos. Estamos prontos a colaborar com todos os brasileiros que assumam atitude favorável a todas, a algumas ou a uma só das proposições que ora apresentamos. Com este mesmo propósito, estendemos a mão aos dirigentes e adeptos dos diversos partidos políticos. Estamos convencidos de que juntos encontraremos a melhor maneira de afastar os obstáculos que separam brasileiros de brasileiros. O essencial é nos unirmos. As forças patrióticas e democráticas unidas têm condições de fazer prevalecer sua vontade.

O atual governo do sr. Juscelino Kubitschek foi eleito e empossado graças ao apoio de ampla coalizão eleitoral que se estendia desde as forças patrióticas e democráticas, inclusive os comunistas, até mesmo conhecidos reacionários que têm ligações com os diferentes monopólios imperialistas. No seio do governo se refletem contradições e choques de interesses acentuando-se, porém, duas tendências principais — a das forças patrióticas, democráticas e progressistas, ainda agora vitoriosas no terreno da política atômica, e a das forças retrogradadas que lutam por impedir qualquer modificação progressista na política externa e interna. Em face dessa situação, devemos apoiar com vigor as forças patrióticas que participam do governo e dêste reclamar novas medidas em defesa da soberania nacional e contra quaisquer tentativas de instaurar no país uma ditadura terrorista. Ao mesmo tempo, devemos combater e desmascarar os elementos reacionários pró-ianques que ocupam posições importantes no governo, assim como os atos negativos do sr. Kubitschek. Tenhamos sempre em vista, porém, que o avanço da democracia e a conquista da verdadeira independência nacional dependem fundamentalmente da unidade e da luta do povo.

Em cada Estado, território e município, é indispensável que as organizações do Partido estudem concretamente a disposição das forças políticas e a composição do governo locais, a fim de que possam traçar sua conduta política e realizar entendimentos e acordos segundo a orientação do Partido. Em nosso vasto país, com problemas tão diversificados, os êxitos da luta pela democracia, pela independência nacional e pela melhoria das condições de vida do povo muito dependem de serem levantadas as reivindicações concretas de cada local de trabalho, de cada distrito, município e Estado. Isto facilitará grandemente nossas ligações com as massas e nossa cooperação com todas as forças e pessoas progressistas, patrióticas e democráticas.

O fortalecimento da unidade da classe operária, o desenvolvimento e consolidação da aliança operária-camponesa são fatores decisivos para garantir a estabilidade e a ampliação da frente única. As reivindicações específicas da pequena-burguesia, da intelectualidade e da burguesia nacional devem merecer da parte dos comunistas a maior atenção. Em relação aos grandes capitalistas brasileiros, nosso ataque deve ser dirigido somente contra aqueles que traírem os interesses nacionais, pondo-se do lado dos imperialistas ianques. Mesmo em relação aos latifundiários, nossa posição deve depender de suas atitudes concretas diante da luta pelas reivindicações e direitos de nosso povo. Concentrando sempre o fogo contra os imperialistas norte-americanos e seus agentes no Brasil, nosso dever é cooperar com todos os que desejam lutar pela soberania nacional, pelas liberdades democráticas, por melhores condições de vida para o povo, por um Brasil próspero e independente.

O Comitê Central é de opinião que, simultaneamente, com a luta firme pela aplicação desta orientação política, é direito e dever de cada comunista examinar com espírito crítico e autocrítico o Programa do Partido. É admissível que muitas de suas teses e fórmulas não correspondam às necessidades políticas do povo brasileiro nem à solução de seus problemas. A luz de nossa atividade, da experiência adquirida na luta pela realização de nossas tarefas e do exame das transformações que se operam no Brasil e no mundo, cada comunista pode e deve pesquisar mais atentamente o caminho brasileiro para a mais ampla democracia, a libertação nacional e o socialismo. Para isso, os comunistas devem estudar a realidade brasileira, analisando o desenvolvimento histórico de nosso povo e acompanhando as mudanças que se manifestam no completo da situação econômica, política e social do país. Tendo em conta o caráter de classe e revolucionário de nosso Partido, devemos saber indicar as transformações que atendam às aspirações de nosso povo e ao progresso do Brasil.

5 O XX Congresso do P. C. U. S. deu grande destaque ao princípio leninista segundo o qual o Partido deve ser dirigido por organismos que funcionem de modo regular e coletivo, acentuando que este princípio havia sido violado na vida do P. C. U. S. durante longo período. Afirmou-se que após a morte de Stálin se restabeleceu no Partido a demo-

# Projeto de Resolução do C. C. do P. C. B.

eracia interna e a direção coletiva. A questão da luta contra o culto à personalidade e suas consequências ocupou lugar de relevo nas discussões do XX Congresso. Foi vigorosamente criticado, como contrário aos princípios marxistas-leninistas e nocivo à ação dos comunistas, o culto ao indivíduo, culto que existiu no P. C. U. S. e no movimento comunista mundial. Igualmente foram criticados alguns erros teóricos de Stálin e sua atividade como dirigente do Partido e do Estado. O P. C. U. S. cumpriu um dever comunista ao levantar o debate em torno de tais questões, o que constitui um mérito de revolucionários proletários. Tudo isso demonstra a grande vitalidade do Partido Comunista da União Soviética e do marxismo-leninismo.

Todos nos chocamos com a gravidade dos erros cometidos por Stálin e pelo Comitê Central do P. C. U. S. sob a direção de Stálin. Grande estranheza, além disso, causou-nos o fato de a denúncia dos erros de Stálin ter chegado ao conhecimento de todos nós, de nosso Partido e de nosso povo, através da imprensa burguesa. É dever de cada comunista, no entanto examinar esta questão com serenidade e responsabilidade. Muito sérias foram as violações da legalidade socialista e no funcionamento democrático do P. C. U. S. tendo havido erros na política interna e externa da U. R. S. S. com reflexos negativos no movimento comunista e democrático mundial. Sem justificar de forma alguma ou pretender diminuir a gravidade de tais erros, devemos, porém, compreender as difíceis condições em que se desenvolveu a União Soviética, primeiro país do mundo onde a classe operária conquistou o poder e construiu o socialismo. Sob o ataque furioso da reação de todo o mundo capitalista, o povo soviético, dirigido pelo Partido Comunista, teve que travar uma luta amarga e impiedosa para defender o Estado socialista. Dentro deste quadro, surgiram graves erros, sérias injustiças, violações da legalidade socialista e abusos contra certas minorias nacionais. Só em sua perspectiva histórica é que podemos apreciar corretamente os erros e compreender suas causas.

É uma atitude idealista supor que os comunistas não erram. Mas devemos ter sempre em vista o que de mau pode ocorrer ao movimento revolucionário quando se desprezam os lados negativos, as falhas e os erros e se vêem apenas os lados positivos, os êxitos e as vitórias. Este, um dos principais ensinamentos que devemos extrair dos erros agora denunciados pelo Partido Comunista da União Soviética.

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil congratula-se com o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética por sua Resolução de 30 de junho deste ano a respeito da luta contra o culto à personalidade e suas nefastas consequências. Valorizamos devidamente os esforços feitos pelos camaradas soviéticos desde a morte de Stálin para restabelecer o princípio da direção coletiva, dando passos no sentido da restauração da legalidade soviética e da democracia na vida do Partido.

Devemos examinar as causas que nos levaram a desenvolver a estimular o culto à personalidade de Stálin, assim como pôr a nu os erros que em consequência disto cometemos. O culto à personalidade é contrário ao marxismo-leninismo. É uma concepção idealista que freia a capacidade de iniciativa dos militantes do Partido e das massas, impede o desenvolvimento criador da teoria e da prática revolucionária, dificulta o exercício da crítica e autocritica e da direção coletiva. Infringimos os princípios do marxismo no que tange ao papel das massas e do indivíduo na história, ao estimular em nosso Partido e em nosso povo o culto à personalidade de Stálin e ao deixar de apreciar com espírito crítico tudo que provinha de Stálin, do P. C. U. S. e da União Soviética. Neste sentido, cabe-nos destacar que foi errada nossa posição em 1948 e 1949 diante do Partido Comunista da Iugoslávia. Falto-nos na oportunidade o necessário espírito crítico e aprovamos incondicionalmente a decisão errônea do Bureau de Informação. Reconhecemos agora nosso erro e tudo faremos para corrigi-lo, procurando sem maior tardança restabelecer nossas relações fraternas com os camaradas iugoslavos.

Salientamos que nosso Partido se gule pelo princípio da igualdade entre todos os partidos comunistas e operários e reafirmamos com orgulho nossa tradição de fidelidade ao internacionalismo proletário e de apoio firme e ativo à União Soviética e demais países do campo socialista.

**6** A revelação dos graves erros cometidos na U. R. S. S. em consequência do culto à personalidade de Stálin, despertou-nos para a necessidade de democratizar a vida de nosso Partido. A democratização da vida do Partido é a maneira pela qual florescerá em nossas fileiras a atividade criadora e será estimulado o senso crítico dos comunistas, fazendo despertar novas iniciativas e dando novo impulso a todas as organizações e organismos dirigentes.

Cresceram as forças de nosso Partido e tende a tornar-se sempre maior sua influência entre as grandes massas. Entretanto ainda não eliminamos os erros e insuficiências que dificultam nossa atividade, o aumento mais rápido de nossos efetivos e o desempenho de um papel mais destacado na vida política do país. Podemos agora melhor compreender o muito que há de errôneo nos métodos de direção que aplicávamos em nosso Partido. A responsabilidade dos graves erros e debilidades que ora começamos a examinar cabe fundamentalmente ao Comitê Central e, em particular, ao Presidium e ao Secretariado.

As funções do Comitê Central eram na prática absorvidas pelo Presidium e pelo Secretariado. O Comitê Central não desempenhava plenamente suas verdadeiras funções; não existia ambiente propício ao exercício da direção coletiva; não existia o clima necessário à livre discussão e à luta de opiniões. O Presidium e o Secretariado do Comitê Central tornaram-se órgãos hipertrofiados. Cairam num demasiado afastamento das massas do Partido e da vida real, o que deter-

## SÔBRE OS ENSINAMENTOS DO XX CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA, O CULTO À PERSONALIDADE E SUAS CONSEQUÊNCIAS, A ATIVIDADE E AS TAREFAS DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

minou o surgimento de elementos de burocratismo em sua atividade. Proliferava as ordens e diretivas, mesmo para as menores coisas, o que entrava ou impedia a iniciativa dos quadros, dos militantes e dos organismos.

A anomalia existente nos órgãos dirigentes superiores do Partido projetava-se, com maior ou menor intensidade, na vida de todos os organismos intermediários e daí para as Organizações de Base, cuja atividade política era sufocada em consequência desses métodos. A opinião e a colaboração de militantes do Partido não eram em geral levadas em conta, o que revelava falta de confiança na sabedoria coletiva do Partido.

Um excessivo centralismo, a arrogância e a auto-suficiência dos dirigentes, um sistema de mandonismo de cima a baixo, uma disciplina algo militar em vez de disciplina consciente e voluntária, uma falsa e injusta política de quadros, críticas violentas e intempestivas, que criavam um ambiente de intimidação — predominavam em nossa atividade, caracterizando mesmo a vida do Partido, e levaram ao afastamento muitos quadros e militantes. Tal sistema e tais métodos tolhiam a democracia interna, a liberdade de opinião e de crítica e o desenvolvimento do pensamento criador em todo o Partido. As causas principais de tudo isto estão no próprio processo de formação de nosso Partido, nas influências ideológicas pequeno-burguesas, nas tendências caudilhescas ainda muito vivas e nos restos patriarcais existentes na sociedade brasileira. Estão igualmente numa falsa concepção só-gre a natureza e o papel do Partido Comunista do Brasil que, como vanguarda organizada e marxista da classe operária, deve ser, por excelência, educador de homens e expressão dos interesses e da vontade das massas populares.

É chegado o momento de travar em todo o Partido uma luta persistente pela correção desses males, sem esquecer jamais que se trata de desarraigar toda uma tradição e que isto não será conseguido sem vencer sérias e obstinadas resistências, ainda que se apresentem sob as formas mais sutis. Nas condições atuais, para que possamos desempenhar o importante papel que nos cabe na vida política do país, necessário se torna que todo o Partido desenvolva grande atividade. Os organismos do Partido devem decidir coletivamente, no âmbito de sua atividade, sobre os problemas que se colocam diante do Partido, executando suas tarefas e tendo o máximo de iniciativa, sem esperar passivamente as ordens e diretivas de cima. A política de quadros até agora seguida no Partido deve ser reexaminada, adotando-se o método de persuasão e educação na formação dos quadros e o critério de promoção por seu trabalho, capacidade e qualidades morais. A questão da origem social como critério de promoção dos quadros merece especial atenção no debate que ora se inicia. O trabalho teórico permanente em ligação com o trabalho prático cotidiano deve ser estimulado; o livre debate, na imprensa do Partido, dos problemas teóricos e políticos, sob responsabilidade pessoal, deve ser garantido. A liberdade de criação artística e a atividade criadora dos intelectuais comunistas devem ser incentivadas e respeitadas. Conquanto a submissão da minoria à maioria deva ser rigorosamente observada em todo o Partido, é importante examinar a conveniência de vir a ser assegurada à minoria o direito de manter e defender sua opinião. Saibamos encontrar, dentro das condições de clandestinidade em que estamos obrigados a atuar, a justa relação entre a democracia e o centralismo, entre a liberdade e a disciplina. É indispensável observar os princípios do centralismo democrático, melhorar a direção coletiva, estimular e utilizar em maior grau a crítica e a autocritica e prestar a devida atenção à crítica vinda de baixo. Para dirigir com êxito a luta histórica de nosso povo pela liberdade, pela independência nacional e pelo progresso do Brasil, para evitar defeitos e erros ou estar em condições de corrigi-los a tempo, é imprescindível elevar a um novo nível a democracia da vida do Partido.

É igualmente necessário intensificar a luta ideológica em nossas fileiras. Combatendo com firmeza as manifestações e tendências estranhas à ideologia do proletariado, devemos concentrar o fogo no sectarismo e no subjetivismo, que são atualmente as tendências mais prejudiciais à atividade de nosso Partido.

O sectarismo nos tem causado sérios prejuízos no trabalho com as massas e com os aliados. Nossa atividade política e prática está impregnada de fortes tendências «esquerdistas» e sectárias, o que se revelou ainda recentemente em face de importantes movimentos de frente única e campanhas de massa. Somos intransigentes, pouco inclinados a fazer entendimentos e acordos mediante concessões aos aliados. Chegamos até ao rompimento sem motivos reais com pessoas que não pensam como nós e com as quais nem sempre sabemos encontrar o terreno para a ação comum. Utilizamos métodos impositivos. As explicações acessíveis e persuasivas, a linguagem simples e concreta e a atitude modesta e exemplar não são ainda nosso padrão de trabalho entre as massas. Generalizou-se entre nós a tendência de que as organizações de massa sob nossa influência devem participar obrigatoriamente de todas as campanhas que dirigimos ou apoiamos. Nem sempre sabemos considerar devidamente o término das lutas, nas quais no lançamos, às vezes, sem levar em conta as forças mobilizadas, a disposição das massas e dos

aliados. Muitas pessoas, assustadas com nossas palavras e ordem políticas, muito avançadas ou nossos métodos errôneos de trabalho, se afastavam das lutas e das posições de unidade. Esquecemos frequentemente que o papel dirigente do Partido deve ser conquistado mediante um trabalho de massas cotidiano e uma justa política e que é através da própria experiência que as massas serão ganhas para as posições que defendemos. Falta-nos muito para agirmos com inteira compreensão, cordialidade e paciência, e deixamos por vezes de cumprir nosso dever como força de coesão e principal fator de entendimento mútuo. Na prática subestimamos os aliados, procuramos tutelar as massas e somos levados a substituir as massas pelo Partido e pelas personalidades. As tendências sectárias ainda existentes no Partido revelam incomprensões a respeito do papel das massas populares e do Partido na luta de libertação nacional e social de nosso povo. Essa luta só pode ser travada com pleno êxito pelas massas de milhões de brasileiros. O dever do Partido, como servidor das massas, é persuadi-las, mobilizá-las, uní-las e tudo fazer para bem dirigir suas lutas.

O subjetivismo nos tem levado a incomprensões da realidade, a interpretações mecânicas e unilaterais dos fenômenos, a falsas avaliações de fatos e situações, de suas causas e consequências. Sob a forma de empirismo, que substitui a teoria, o subjetivismo nos levou a cometer graves erros, mas é sob a forma do dogmatismo que o subjetivismo mais se manifesta em nossas fileiras. O dogmatismo têm-nos causado grandes prejuízos mediante a repetição mecânica de fórmulas teóricas dentro das quais pretendemos enquadrar a realidade brasileira, e através da cópia servil de experiências alheias nem sempre aplicáveis às condições concretas de nosso país. Abdicamos da capacidade de pensar independentemente e do necessário espírito criador. Copiamos literalmente o P. C. U. S. em muitas formas de construção do Partido apesar da extrema diversidade de condições. A aceitação, sem espírito analítico e crítico, das idéias de comunistas e de partidos comunistas de outros países, era comum em nossa atividade. O dogmatismo nos tem levado a não dar suficiente atenção ao estudo da experiência das lutas de nosso povo e de nosso Partido. Como negação do marxismo-leninismo e em trave à justa compreensão e direção da luta de libertação nacional e social de nosso povo, o dogmatismo deve ser enérgica e permanentemente combatido. Para superar o dogmatismo é indispensável intensificar em todo o Partido a educação ideológica marxista-leninista em união indissolúvel com o estudo da realidade nacional e com a prática do movimento revolucionário brasileiro, generalizando nossa experiência. Guiados pelo marxismo-leninismo, elaboraremos o caminho brasileiro para a libertação nacional e social de nosso povo.

**7** O Comitê Central abre o debate sobre os problemas levantados neste projeto de Resolução plenamente confiante nas forças de nosso Partido. Esta discussão conduzirá ao fortalecimento do Partido e de sua unidade, contribuirá para o desenvolvimento do espírito de camaradagem entre os comunistas e será benéfica aos interesses de nosso Partido e de nosso povo.

Serão publicados os trabalhos dos membros do Partido inclusive daqueles que tenham divergências a apresentar.

Que todos façam, discutam e sugiram, fazendo pleno uso da liberdade de opinião e do direito de crítica e autocritica. Que se estabeleça viva e fecunda luta de opiniões à base dos princípios, em busca de soluções justas para os problemas. Que a livre discussão dessas questões no Partido estimule a iniciativa criadora e o senso de responsabilidade dos comunistas, assegure a luta contra tudo que seja prejudicial aos interesses partidários e se desenvolva em ligação com a aplicação entusiástica de nossas tarefas. A democratização da vida do Partido elevará a um nível superior a atividade de nossas fileiras.

O Comitê Central examinará com atenção e solicitude todos os problemas, sugestões e críticas que forem levantados através deste amplo debate, a fim de recolher e utilizar a sabedoria coletiva do Partido. Após ouvir todo o Partido, o Comitê Central adotará a necessária Resolução sobre os problemas em debate.

O Comitê Central designou uma Comissão para, com a colaboração do Partido e aproveitando os materiais e sugestões do presente debate, elaborar os documentos para a convocação do V Congresso do Partido.

Salvaguardemos os supremos interesses do Partido, confiando na força revolucionária da verdade. Estamos convictos de que esta discussão reforçará o prestígio do Partido entre as massas e nossos aliados e tornará mais sólida a unidade orgânica, política e ideológica de nossas fileiras em torno do Comitê Central.

Rio de Janeiro, Outubro de 1956.

**O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL**

**A**gora, que os debates em torno dos problemas que interessam ao Partido Comunista do Brasil estão ganhando equilíbrio, não travados com mais seriedade e podem ser, portanto, mais frutíferos, parece-me útil recordar algumas manifestações de artigos iniciais de puro nacionalismo burguês.

Não podíamos ter ilusão de que o fenômeno existe (e por muito tempo ainda continuará a existir) em nossas fileiras. Nosso Partido vive e atua numa sociedade de classes e, embora sendo fundamentalmente um Partido da classe operária, não pode deixar de refletir pontos de vista, opiniões, tendências burguesas. Assim tem sido em todos os partidos comunistas e operários desde que surgiram na arena política. O importante é não admitirmos que a ideologia burguesa predomine sobre a ideologia do proletariado dentro de nosso Partido, pois somente assim ele poderá manter sua qualidade de organização revolucionária marxista-leninista da classe operária.

Por isso, o início dos debates que vimos travando, com tudo o que teve de negativo, foi útil no sentido de nos alertar para um combate mais firme e incessante à ideologia burguesa em nossas fileiras. Como do veneno se tira o contraveneno, será proveitoso para nós apontarmos algumas das manifestações mais flagrantes de nacionalismo burguês, de chauvinismo, reveladas ultimamente entre nós.

X X X

Os debates têm acentuado como um fato positivo da realidade em nosso país o desen-

# O Nacionalismo Burguês Está em Muitas Cabeças

volvimento da burguesia brasileira nos últimos anos, em ritmo talvez desconhecido. Crescem as forças produtivas no país, há um certo impulso à industrialização, à fundação da indústria pesada. Regosijamo-nos por isso. Sabemos que simultaneamente crescem as forças da classe operária, criam-se condições para o Brasil se tornar um país economicamente independente em face ao imperialismo, em particular ao principal inimigo de seu progresso, os monopólios norte-americanos.

Mas não podemos esquecer que este desenvolvimento no sentido capitalista significa também um reforçamento da burguesia brasileira como classe. Nos últimos anos ela reforça não apenas suas posições econômicas mas também políticas. E, como consequência inevitável, passa a exercer influência crescente sobre os diferentes setores da população. Esta influência é particularmente marcante sobre a pequena burguesia. O progresso burguês lhe abre maiores possibilidades, aguça-lhe o instinto de classe, estimula-a a galgar posições burguesas. E quanto mais fraco ideologicamente o partido da classe operária, tanto mais vulnerável à penetração da ideologia burguesa em suas fileiras.

Dal certas tendências que se revelaram com bastante força no início dos debates

## RUI FACÓ

através de «Voz Operária» e de «Imprensa Popular» (e certamente em outros jornais), tendência ao abandono, em alguns casos, das posições revolucionárias de um partido marxista da classe operária e à defesa do reformismo puro e simples. Não que sejamos contra as reformas. Esta velha questão está resolvida de há muito pelos clássicos do marxismo. Mas não nos contentamos com as reformas de caráter burguês, dosadas de acordo com as conveniências da burguesia, enquanto os trabalhadores permanecem submetidos a mais feroz exploração e milhões de brasileiros vivem em condições sub-humanas, nas cidades como no campo.

Isto não significa que não apoiemos movimentos patrióticos, chamados «nacionalistas», como o da nacionalização do petróleo, ou as medidas destinadas a preservar os minérios atômicos e outros da pilhagem dos capitais norte-americanos. Ao contrário, nosso Partido tem formado sempre à frente destes movimentos patrióticos. Mas não nos contentamos com isto. Queremos e reclamamos medidas energéticas que libertem total e definitivamente o Brasil do domínio da finança internacional, para podermos avançar realmente no sentido do progresso e do bem-estar do povo. Não somos reformistas, mas revolucionários. Lutamos não somente por determinadas reformas imediatas, mas por transformações socialistas. Queremos não apenas a melhoria imediata das condições de vida dos trabalhadores, mas lutamos pela libertação da classe operária e, com ela, de todo o povo.

X X X

As manifestações de caráter nacionalista-burguês, chauvinista, que apareceram abertamente no início dos nossos debates — e que continuam a reopontar aqui e ali — são fruto de vacilações típicas de um período de aguçamento das lutas de classe, como o que atravessamos. A atual ofensiva da reação e do imperialismo contra a classe operária, contra o movimento comunista mundial e em particular contra a União Soviética, não podia deixar de gerar estas vacilações. A isto se alia a debilidade ideológica ainda predominante em nossas fileiras. E então surgem documentos como a declaração do Comitê Regional do Ceará, de caráter abertamente burguês-reformista (Voz Operária, 24.XI.56). Os camaradas do Ceará consideram um erro querer levar as massas «a lutar por objetivos acima de sua compreensão». Então, devemos dar razão a certos pseudo-socialistas quando afirmam que o socialismo é uma aspiração nobre, louvável, mas não oportuna. Não podemos lutar por ele, pois as massas «não estão preparadas para esta luta». De acordo com o raciocínio dos camaradas do CR do Ceará, nem devemos falar em socialismo, pois o socialismo está acima da compreensão das massas. Então, para que um Partido Comunista? Os camaradas do Ceará, é verdade, não pedem a dissolução do Partido, mas sugerem abertamente a dissolução da Juventude Comunista, onde os jovens se educam para ingressar no Partido.

Ainda segundo o CR do Ceará, a classe operária, os trabalhadores em geral, no Brasil (ou pelo menos no Ceará) ainda não conquistaram o paraíso, mas conquistaram pelo menos o limbo. Pois já não têm inimigos! O CR do Ceará põe de lado toda reivindicação de liquidação do latifúndio, uma vez que os latifundiários podem ser nossos aliados... É a favor da participação dos capitais norte-americanos na economia brasileira, esquecendo o papel terrivelmente nocivo exercido pelos capitais americanos na vida econômica de nosso país, pilhando nossas riquezas naturais, enterrando, o quanto pode, o desenvolvimento da grande indústria, procurando por todos os meios arrastar-nos às suas guerras de rapina e pelo domínio mundial.

Contra quem lutamos então? Contra moínhos de vento. E desde que os nossos inimigos são fantasmas, para que um partido independente da classe operária? Um partido Socialista ou Trabalhista é suficiente...

Enquanto assim raciocinavam os camaradas do CR do Ceará, o I Congresso das Assembléias Legislativas, reunido em São Paulo — com esmagadora representação das classes dominantes — reconhecia que no Brasil existem «escravizações que sufocam» o homem. Quer dizer, há alguém que escraviza. Mas, segundo o CR do Ceará, não são os latifundiários e nem mesmo os monopolistas norte-americanos.

X X X

A redação de «Voz Operária» também se deixou arrastar neste começo de enxurrada de nacionalismo burguês. Compróvamos algumas de suas matérias redacionais logo após a abertura dos debates. Gráficamente, seu número de 17.XI.56 se assemelha bastante a um boletim oficial do governo. «Voz Operária» chegou a transcrever palavras do Vice-presidente da República advogando «um nacionalismo que possa afirmar este país sem negar os demais», «entendimento compreensivo com todos os povos», sem mostrar a contradição flagran-

te entre estas palavras e a inação do governo Kubitschek-Goulart em face ao estabelecimento de relações diplomáticas e comerciais com grandes países como a União Soviética e a República Popular da China. Ou será que «Voz Operária» já se contenta apenas com palavras? Estou certo de que o povo, a classe operária, não se contentam.

Mas não há melhor exemplo do sono letárgico em que estava mergulhada a redação de «Voz Operária» do que seu prolongado silêncio ante atos antidemocráticos do governo, como o fechamento da Frente de Novembro, ocorrido depois do fechamento da Liga de Emancipação Nacional e da revista «Problemas». Ou ainda a falta de um combate sistemático, energético, desde a primeira hora em que se falou da possibilidade de entrega de Fernando de Noronha aos imperialistas americanos para aí instalarem uma base de foguetes teleguiados — posto em grave perigo a segurança do nosso país.

A tanto conduzem as ilusões nacionalistas burguesas: ao reboquismo, fruto do entusiasmo fácil por algumas medidas, poucas e ainda muito tímidas, em defesa da soberania nacional e das riquezas naturais do país contra o assalto dos imperialistas lanques. Os camaradas responsáveis por estes deslizes esquecem que os nossos esforços pela unidade das forças patrióticas e democráticas não significam de forma alguma a renúncia à luta, mas pressupõem a luta.

X X X

Há também manifestações individuais do mesmo teor. Não quero deter-me em cada artigo — e são numerosos! — em que se revela certo desespero e desorientação em face à denúncia dos erros cometidos na União Soviética durante 40 anos de construção do socialismo. Fala-se dramaticamente em que «estamos cercados de sangue e lama», ou quer-se comparar o assassinato frio do casal Rosenberg pelos reacionários norte-americanos, com erros, muitas vezes inevitáveis, num grandioso e radical processo revolucionário, o maior e mais profundo que conhece a história da humanidade.

Não estará presente aí o nacionalismo burguês, numa das formas que tem sido mais estimuladas pela reação internacional — o ataque a União Soviética, berço, inspiradora e sustentáculo do movimento comunista mundial?

X X X

Semelhantes manifestações nada têm a ver com os objetivos básicos de nosso Partido, como partido marxista da classe operária. Não tenho dúvida de que muitos dos que calaram ou estão caindo em semelhantes vacilações ante a furiosa ofensiva da reação mundial contra o movimento comunista, estarão prontos a retificar suas posições iniciais e a corrigir seus equívocos. O contrário, seria pretender que somos infalíveis.

De qualquer forma, porém, acho que devemos estar vigilantes em face a manifestações de caráter nacionalista-burguês, perigosas sobretudo quando a burguesia brasileira se revigora e tenta (e tentará cada vez mais) impor a sua influência e o seu rumo no desenrolar dos acontecimentos.

O nosso Partido tem uma maravilhosa tradição de internacionalismo proletário, se fortalece e influencia toda a vida política nacional. Pode assim libertar-se das tendências nacionalistas-burguesas e seguir firmemente uma política independente, como partido marxista da classe operária. Só assim poderá tornar realidade uma poderosa frente única de todos os patriotas pela libertação nacional, contra o imperialismo norte-americano, pelo progresso do Brasil e o bem-estar de seu povo.

## Nota do Comitê Regional do Ceará, do Partido Comunista do Brasil

SOLICITAMOS A PUBLICAÇÃO DA SEGUINTE NOTA:

«O Comitê Regional do Ceará, do Partido Comunista do Brasil, vem de receber um pedido do Comitê Central para que torne mais clara uma opinião constante da Primeira Declaração do C. R. do Ceará «Sobre o culto à personalidade e seus reflexos na atividade do Partido», em relação ao seguinte trecho: — «Foi dentro desse sistema que vigorava em todo o Partido, que se realizou o IV Congresso, o qual aprovou o Programa e os Estatutos atuais. A discussão para o IV Congresso foi toda orientada no sentido de aprovar as teses impostas pelo Secretariado do Comitê Central, os delegados escolhidos de acordo com listas previamente organizadas pelas direções e as intervenções destes, no Congresso, ditadas por membros do Presidium do Comitê Central. Isto revela que o IV Congresso não exprimiu a vontade do Partido, do mesmo modo que as direções eleitas no curso do mesmo não o exprimem.»

Em resposta a solicitação acima, o Comitê Regional do Ceará informou ao Presidium que o Plano Ampliado do C. R. que

discutiu o Projeto de Resolução do Comitê Central e aprovou a Declaração acima mencionada, formulou a seguinte declaração de direções eleitas no IV Congresso, da seguinte maneira: — «Isto revela que o IV Congresso não exprimiu a vontade do Partido, do mesmo modo que as direções eleitas no curso do mesmo não o exprimem PLENAMENTE», e que a palavra PLENAMENTE foi omitida, involuntariamente, na Declaração, fato que escapou à vigilância do próprio C.R.C.

O Comitê Regional do Ceará aproveita o ensejo para afirmar, de público, que, ao fazer uso do seu direito de crítica, inclusive de críticas como as que dirigiu ao Comitê Central, não lhe move nenhum espírito de insubordinação ao centro único dirigente que é o próprio Comitê Central. O Comitê Regional não põe em dúvida a autoridade política e orgânica do atual Comitê Central, conferida pelos Estatutos do Partido em vigor, até o V Congresso do Partido.

Ceará, dezembro de 1956.

O COMITÊ REGIONAL DO CEARÁ DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL»

## REUNIU-SE O C. R. OESTE PAULISTA

Dias 15, 16, 17 e 18 de Novembro esteve reunido o CR Oeste Paulista ampliado com secretários de zona e representantes da UJC.

Foi uma reunião altamente positiva, com exercício de crítica e da autocritica. Muitas críticas foram feitas, principalmente ao secretariado do CR pelos seus métodos de trabalho.

Foram tomadas várias resoluções visando elevar a ati-

vidade do Partido na Região, corrigir métodos de trabalho, melhorar o trabalho de massas e combater a burocracia.

Entre as várias resoluções, destacamos:

a — Considerar insatisfatória a autocritica do CC do PCUS sobre o culto à personalidade de Stalin.

b — Levando em conta que os documentos do Partido destinados às amplias

massas são escritos numa linguagem muito difícil, sugere ao CC do PCB que os mesmos sejam redigidos com mais simplicidade.

c — Recomendar a todo o Partido na Região que desenvolvesse uma ampla campanha de solidariedade ao povo egípcio.

d — Levando em conta que ainda existem os métodos de mandonismo e imposição no tratamento com os quadros, o CR deverá modificar os métodos até agora adotados, fazendo, ao mesmo tempo, um reexame na distribuição dos quadros, tendo em vista seu maior aproveitamento.

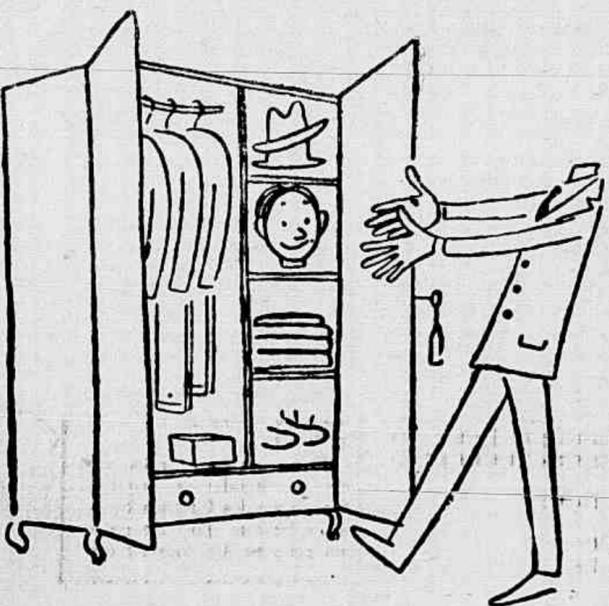
e — Criar uma comissão especial de 3 membros para rever todos os casos de expulsão e outras medidas disciplinares impostas anteriormente na Região.

f — Chamar a atenção de todo o Partido para a aplicação dos estatutos em toda a sua plenitude, especialmente no que se refere a convocação de reuniões.

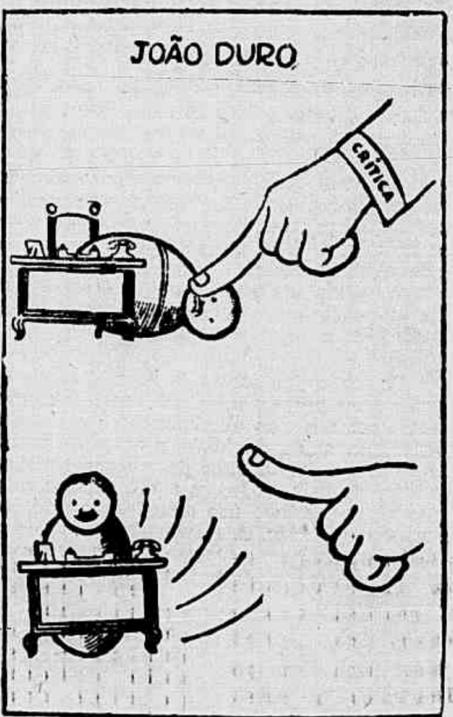
g — Que o Partido incentive e estimule a atividade artística e cultural dos seus intelectuais e o estudo da teoria marxista-leninista para quantos a ele queiram se dedicar.

A reunião ampliada do CR Oeste Paulista foi encerrada num ambiente de alegria e ampla camaradagem, ficando demonstrando, na prática, que o amplo exercício da crítica e da autocritica só pode servir para reforçar o Partido e unir ainda mais seus membros.

## FIM DO CULTO À PERSONALIDADE



ELE — Finalmente, agora posso usar minha cabeça para pensar... (Do "Freie Welt", órgão do P. S. Unificado da Alemanha)



Por mais que a crítica mexa com ele, volta sempre ao mesmo lugar.

(Do "Freie Welt", órgão do P.S. Unificado da Alemanha)

# A Câmara Vai Discutir o Projeto Sobre o Trabalho Rural

**CABE AOS TRABALHADORES RURAIS E A SUAS ORGANIZAÇÕES ESTUDAR A MATÉRIA PARA INTERVIR NA DISCUSSÃO, EM DEFESA DE SEUS INTERESSES**

ENTRE os projetos a serem preferencialmente discutidos, na presente sessão legislativa, figura o de n.º 1.938-A, que estabelece o regime jurídico do trabalho rural. Trata-se de matéria de maior importância, que interessa a grande parte da população ativa na agricultura. A decisão do Congresso a respeito depende, em boa parte, dos trabalhadores agrícolas e de suas organizações. Por isso é imprescindível que estes estudem convenientemente o assunto, a fim de que possam intervir na discussão do mesmo. Eis, a seguir, as linhas gerais do projeto:

1 DEFINIÇÃO — O projeto define como traba-

lho rural «o realizado em propriedade ou prédio rústico que se destina ao cultivo da terra, extração de matérias primas de origem vegetal ou animal, criação, melhoria ou engorda de animais». (Art. 3, item a).

Os trabalhadores rurais são definidos, no mesmo artigo, em quatro categorias: c) — empregado rural, a pessoa física que presta serviços a empregador rural, sob sua dependência e mediante salário; d) — colono ou contratista, o que contrata com o proprietário ou preposto autorizado todas ou qualquer das fases de preparo, plantio, cultivo e colheita de uma certa área de terra, exe-

cutando o trabalho com seus familiares e dependentes, nas condições pré-estabelecidas; e) — parceiro agrícola, a pessoa física que se torna concessionário de prédio rústico, para cultivá-lo, por si e com seus familiares e dependentes, repartindo os frutos, na forma conveniada, com o respectivo proprietário ou com quem tenha a livre administração de mesmo prédio rústico e, também, o que sob a forma de parceria, trabalha na exploração extrativa de produtos florestais; f) — parceiro pecuarista, a pessoa física que recebe animais, pertencentes a outrem, para os pastorear, tratar e criar, por si e com seus familiares e dependentes, mediante quota nos produtos obtidos.

Ainda no primeiro capítulo o projeto exclui da condição de trabalhador rural o tarefeiro ou empreiteiro. Esse é um aspecto negativo, pois permite aos latifundiários um vasto campo de manobra para fugir às determinações da lei quanto aos direitos dos trabalhadores. Tendo em vista a vigência, no futuro, desse dispositivo, muitos latifundiários do café já estão substituindo, nos contratos, a palavra colono pela palavra empreiteiro.

2 CARTEIRA — O projeto estabelece a obrigatoriedade da carteira profissional para todos os trabalhadores rurais, maiores de 14 anos (art. 10). Determina que a expedição da carteira será feita pelas Juntas do Servi-

ço Social Rural; organismos em geral controlados pelos latifundiários. O justo seria como quer o PTB e como estabelecia o projeto original, a expedição a cargo do Ministério do Trabalho, ou sob o controle deste, e não pelo SSR, sob controle do Ministério da Agricultura.

3 JORNADA DE TRABALHO — Diz o art. 17: «A duração da jornada do empregado mal poderá ser ampliada ou restringida, conforme as exigências das atividades exercidas, de forma a não exceder, em cada semestre do ano civil, o número de horas correspondentes a 8 (oito) por dia de trabalho».

4 REPOUSO E FERIAS — O projeto restringe o direito ao repouso semanal remunerado (art. 18) e às férias (art. 27) ao trabalhador empregado, retirando esse direito aos colonos. É assegurada (art. 21), desde que não se verificarem condições especiais — como pragas, incêndios, inundações, etc. — a remuneração acrescida, em 20%, do trabalho noturno.

5 SALÁRIO MÍNIMO — «O trabalhador rural empregado, terá direito ao salário mínimo» (art. 23) disse artigo, como se vê, limita esse direito legal somente a uma parte dos trabalhadores rurais, excluindo os colonos. Quanto ao parceiro, se parte de sua remuneração for em dinheiro, esta não poderá ser inferior a um terço do mínimo da região. O projeto estabelece

várias brechas para a redução do salário, através dos descontos de habitação e outros, inclusive fornecimento em espécie.

6 HIGIENE E SEGURANÇA — «A higiene e segurança do trabalho serão assegurados a todos os trabalhadores rurais» (art.33)

7 PROTEÇÃO AO TRABALHO DA MULHER E DO MENOR — O projeto estabelece normas de proteção ao trabalho da mulher inclusive proibição do trabalho noturno e do trabalho seis semanas antes e seis semanas depois do parto. Aos menores é assegurada, igualmente, a aplicação das normas legais sobre a proteção ao seu trabalho. É proibido o trabalho ao menor de 14 anos.

8 CONTRATOS — O contrato pode ser verbal ou escrito. A mudança de proprietário do estabelecimento rural não afeta a vigência dos contratos existentes relacionados com o mesmo estabelecimento. É garantida a indenização por despedida ou rescisão sem justa causa. O projeto, porém, abre caminho aos latifundiários para encontrar «justas causas» em diversos fatores ou até em considerações subjetivas, como «incontinência na conduta», «ato lesivo da boa fama», etc.

9 DISSÍDIOS — Os dissídios e julgamentos são da competência da Justiça do Trabalho.

10 PREVIDÊNCIA — O trabalhador rural é assegurado o direito à previdência social, nas condições a serem fixadas em regulamento pelo governo, após a realização de um «censo agrícola» que será iniciado no prazo de seis meses prorro-gável.

O projeto tem pareceres favoráveis das Comissões de Constituição e Justiça e de Legislação Social. O parecer da Comissão de Economia rejeita numerosos artigos, aprovando emendas lesivas aos interesses dos trabalhadores rurais, uma das quais reduz o (salário mínimo destes a 70% do mínimo da região.)

## INFERIOR AO CUSTO DA PRODUÇÃO A RENDA POR ALQUEIRE, NA COTONICULTURA

EM EDIÇÃO anterior publicamos reportagem sobre a queda bruta da agricultura paulista, em 1956, de acordo com dados da Subdivisão de Economia Rural da Secretaria da Agricultura de São Paulo. Aquelas dados demonstram as dificuldades que enfrentam os agricultores do Estado e que, em alguns setores da produção agrícola, são mais acentuados. É o que ocorre na cotonicultura.

Eis um quadro da evolução da renda da cotonicultura paulista, nos últimos anos, levando-se em conta a desvalorização da moeda, determinada pela inflação.

1945-49	100
1950-51	97
1951-52	203
1952-53	106
1953-54	109
1954-55	125
1955-56	89

A queda da renda resultou imediatamente da queda no volume da produção. Em 1956 colheram-se 34.568.000 arrobas, quando a média vinha girando em torno dos 40 milhões. Isso se deveu não somente a fatores climáticos, mas principalmente ao abandono a que foi relegada a agricultura pelo governo. Essas condições levaram a uma queda na média da produção por alqueire — queda de 34% em relação a 1955. A média de produção por alqueire foi de 73 arrobas no quinquênio de 1945-49, passando a 85 em 1951, a 110 em 1953, a 122 em 1954, a 161 em 1955 — caindo a 106 arrobas em 1956. Os técnicos afirmam que um fator a ser considerado, na queda da produção por alqueire, é a má qualidade das sementes fornecidas pela Secretaria da Agricultura (que tem o monopólio da distribuição de sementes). Assim, em 1956 os cotonicultores receberam Cr\$ 15.820,00 por alqueire, menos Cr\$ 6.300,00 do que em 1955 e provavelmente menos que o custo da produção, que oscilava em torno de Cr\$ 15.700,00.

Essas questões serão, de certo, levadas ao próximo Congresso dos Cotonicultores, a realizar-se provavelmente em maio, na Alta Sorocabana.

## FERROVIÁRIOS UNEM-SE PARA DEFENDER AS EMENDAS DO SENADO À R.F.F.S.A.

Tramitará na atual sessão extraordinária da Câmara dos Deputados o projeto de constituição da Rede Ferroviária Federal S. A., aprovado em fins de 1956 pelo Senado, e que volta ao palácio Tiradentes para que sejam ali apreciadas as emendas nele introduzidas pela Câmara Alta. Essas emendas são, principalmente, as que vêm cobrir deficiências, lacunas e injustiças contidas no texto original e as que beneficiam os ferroviários.

### DEFENDER AS EMENDAS

As principais entidades dos ferroviários, que a princípio eram contrárias à R.F.F.S.A., estão agora unidas e profundamente interessadas na aprovação final dos artigos que lhes dizem respeito (números 15, 16, 17, 18 e 19), que garantem seus direitos adquiridos e mesmo ampliam e melhoram outros.

Por outro lado, os ferroviários sabem que o Ministro da Viação está interessado em conseguir que os deputados não aprovem as justas emendas feitas pelos senadores, razão porque se movimentam junto aos parlamentares visando assegurar seus direitos expressos nos citados artigos. Neste sentido, a União dos Ferroviários do Brasil cogita de organizar uma demonstração dos trabalhadores e dos dirigentes das organizações sindicais, cooperativas e beneficentes dos ferroviários, para levar ao palácio Tiradentes o pensamento da grande corporação

dos transportes. Para que a batalha em preparação seja vitoriosa, os ferroviários compreendem que é necessária a mobilização mais ampla e mais ativa de todos os interessados e que a unidade é o caminho para o êxito de suas reivindicações.

## DIRIGE-SE O C. R. DE CAMPOS DO PCB AOS MILITANTES E AMIGOS DO PARTIDO NA REGIÃO

O Comitê Regional de Campos (Estado do Rio) do PCB, divulgou o seguinte documento:

«AOS MILITANTES E AMIGOS DO PARTIDO NA REGIÃO — Com a aproximação das eleições de 1958 para o futuro governador do Estado, deputados federais e estaduais, prefeitos e vereadores, abrem-se condições favoráveis para, desde já, iniciarmos entendimentos políticos e ampliarmos o nosso trabalho com todos os partidos políticos, pessoas e grupos interessados no pleito do ano vindouro.

A verdade é que as forças políticas da nossa região já começaram a movimentar-se em torno das eleições de 1958 e esta é uma questão sumamente importante, como elemento tático, para a atuação do nosso Partido. Em torno das eleições podemos movimentar todas as frentes de trabalho do Partido, ampliando nossas ligações com as massas.

Apesar do não cumprimento por parte do Sr. Juscelino Kubitschek das suas promessas eleitorais mais importantes, como candidato em 1955, o povo continua interessado nas eleições como um acontecimento político, que cresce de importância, de eleição para eleição. Em cada nova eleição o povo vota com mais consciência. De uma eleição a outra aumenta o número de eleitores; o contingente de votantes é maior e mais ampla é a participação das massas nas campanhas eleitorais.

Embora em nossa região seja grande ainda o contingente de eleitores que se deixa levar pelos cabos eleitorais de candidatos e políticos que nada fazem em benefício do povo e outros eleitores que se deixam intimidar pelas ameaças de patrões reacionários, mesmo assim, as eleições interessam às classes e camadas da população; sempre desejosas de conquistar melhorias econômicas e sociais e de ter mais liberdade. Foi isto que ficou provado com as eleições de outubro de 1955, para Presidente da República, ocasião em que nosso Partido na região obteve uma significativa vitória, ao lado das forças oprimidas.

Para que as eleições em nossa Região sejam ainda mais expressivas como manifestação política do povo é necessário que o trabalho eleitoral seja encarado pelo Partido como uma tarefa política das mais importantes que podemos ter como partido revolucionário do proletariado; partido independente que defende acima de tudo os interesses do povo.

Nossa posição não pode ser abstencionista, vacilante e

nem espontaneista. Também não pode ser uma posição eleitoreira, como em geral têm os partidos das classes dominantes.

Devemos começar, desde agora, o alistamento eleitoral, a inscrição de novos eleitores e desenvolvermos um trabalho político junto às massas para que votem certo no próximo pleito de 1958.

Para que os nossos entendimentos e acordos com outras forças políticas correspondam, cada vez mais, aos interesses do povo, é preciso que o Partido se volte para as massas de eleitores e não eleitores e amplie as suas ligações através de um trabalho político que esclareça e convença.

Todas as classes e camadas de nossa região — desde a burguesia industrial e comercial, a fazendeiros progressistas, pequenos e médios produtores da cidade e do campo, aos operários industriais e assalariados agrícolas, camponeses, funcionários públicos, municipais e estaduais, intelectuais, estudantes e homens de profissão liberal, aos prefeitos e vereadores, todos têm reivindicações e motivos porque lutar junto conosco, com os comunistas. Por isso não se justifica que em nossa região e nem em parte alguma o nosso Partido continue débil e que haja militantes que resistam ao trabalho junto às massas.

Não podemos desligar o nosso trabalho político e de massa na região das tarefas políticas de caráter nacional, como agora a luta para que o Brasil retorne ao domínio e a garantia de sua soberania alienada. Nesse sentido devemos lutar junto com o povo e exigir que o Congresso seja ouvido para declarar nulo o acordo que cedeu a Ilha de Fernando de Noronha aos imperialistas norte-americanos.

Em nossa região, classes e camadas, grupos e pessoas isoladas, podem e devem ser ganhas, cada vez mais, para as grandes lutas patrióticas e democráticas que se travam em todo o Brasil, em defesa de nossas riquezas, em defesa da soberania nacional e pelo respeito às liberdades democráticas tão seriamente ameaçadas nos dias de hoje.

O Comitê Regional, convida a todos os militantes e amigos do Partido a desenvolverem um trabalho que ajude o fortalecimento do Partido e a realização de suas tarefas políticas e de massas.

Fraternalmente

O COMITÊ REGIONAL DE CAMPOS DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL.

Janeiro de 1957.

## «Trabalho Eleitoral, Tarefa Política Das Mais Importantes»

# Não Justificam Medidas Antioperárias As Dificuldades da Indústria Têxtil

**A VERDADEIRA SITUAÇÃO DA INDÚSTRIA — OS INDUSTRIAIS APROVEITAM-SE DAS DIFICULDADES PARA PRESSIONAR O GOVERNO (VISANDO PRIVILÉGIOS) E INTENSIFICAR A EXPLORAÇÃO DOS OPERÁRIOS — MEDIDAS DE EMERGÊNCIA**

Alegando uma série de dificuldades, os industriais de tecidos têm intensificado, nos últimos tempos, a exploração dos trabalhadores têxteis. Os métodos empregados são os mais variados — desde o desemprego em massa até a intensificação do ritmo e da jornada de trabalho.

## DESEMPREGO

O desemprego, no ramo têxtil, já atinge cifras elevadas. No Distrito Federal, por exemplo, desde 1955 se verificam fechamentos e transferências de fábricas, assim como a redução do número de operários ocupados, noutras empresas que continuam funcionando normalmente. No início de 55 fechou a Fábrica Carioca (grupo América Fabril), que ocupava cerca de

2.000 operários; o Contonificio Gávea foi vendido a um grupo norte-americano e reduziu seu pessoal (anteriormente 1.800 operários) de cerca de 50%; a «Cia. Itatiaia de Tecidos» foi transferida para Magé; a «Fábrica Confiança» reduziu seu número de operários de 2.500 para 1.400 e seus proprietários cogitam de fechá-la. A Fábrica Azis Náder (sedas) também prestes a fechar, segundo propalam seus diretores.

## ABUSO DO TRABALHO DE MENORES

Muitas outras empresas mantêm o mesmo nível de mão de obra empregada ou o têm mesmo aumentado. Mas isto através de uma substituição crescente do trabalho dos adultos pelo trabalho de menores. Atualmente, no Distrito Federal, o número de menores empregados na indústria têxtil já ultrapassa de 30%. (Os menores recebem a metade do salário mínimo dos adultos, embora não sejam aprendizes e realizem o mesmo serviço dos trabalhadores de maior idade).

Também é maior o número de mulheres (cerca de 60% do total de operários têxteis no Distrito Federal), que percebem geralmente, salários inferiores aos dos homens. A Consolidação das Leis do Trabalho proíbe o trabalho noturno realizado por mulheres. Mas tal dispositivo é continuamente burlado: as fábricas estabelecem horários que se iniciam de dia e terminam à noite, nêles fazendo trabalhar turmas femininas, turmas femininas. não obtiveram ainda a aposentadoria a que têm direito.

Atualmente quase cessou a

## INTENSIFICAÇÃO DO RITMO DE TRABALHO

Enquanto reduzem o número de operários empregados, ou substituem os operários adultos por menores, as fábricas têxteis intensificam, ao mesmo tempo, o ritmo do trabalho. Houve um aumento do número de teares e fusos para cada trabalhador, sem correspondente aumento de salários. A esmagadora maioria dos têxteis recebe o salário-mínimo.

Também é comum a permanência de um grande número de trabalhadores idosos, com direito a aposentadoria, na produção. O Sindicato dos Têxteis do Distrito Federal calcula que cerca de 25% dos operários atualmente empregados na indústria de fiação e tecelagem do Rio se encontram nestas condições. Continuam a trabalhar porque

procura de mão-de-obra nas fábricas têxteis cariocas. Diariamente há grupos, e até filas de operários procurando emprego nas portas dessas empresas.

## QUE HÁ COM A INDÚSTRIA TÊXTEL ?

Tudo isto demonstra que os industriais de tecidos estão-se aproveitando de dificuldades momentâneas que atingem este setor da indústria nacional para incrementar a exploração da classe operária.

As dificuldades existem, realmente, mas estão sendo, por outro lado, exageradas pelas empresas, não somente com o fim de pressionar o governo, mas também de elevar a taxa da mais valia retirada dos trabalhadores.

Essas dificuldades têm uma dupla origem: de um lado, a situação desfavorável da indústria nacional para concorrer nos mercados exteriores, em face dos preços mais convidativos que indústrias mais desenvolvidas tecnicamente podem oferecer aos compradores; de outro lado, o poder aquisitivo relativamente baixo das massas populares, combinado com a alta dos preços internos, que impedem um aumento maior do consumo de tecidos em nosso país.

## ESTOQUES E EXPORTAÇÃO

Justamente por isto é que se acumulam, como atualmente, os estoques de tecidos tanto nas fábricas como no comércio. Segundo se informa, os estoques atuais são os maiores já verificados nos últimos tempos.

A solução seria tanto o aumento do consumo no mercado interno, através da elevação do poder aquisitivo das massas trabalhadoras e também a criação de melhores condições para a exportação. Mas é evidente que a primeira solução não poderia ser uma solução de emergência e depende do conjunto de uma política de sérias modificações na própria estrutura econômica do país que possa determinar uma divisão mais equitativa da renda nacional.

Já o problema da exportação poderia ser facilitado, não somente, como pretendem os industriais de tecidos, com a elevação da taxa de câmbio paga aos exportadores, mas também com a ampliação dos nossos mercados exteriores. (Por exemplo, através do comércio com os países socialistas). Além disso, a supressão da disparidade atualmente existente com a portaria 130 da SUMOC, que permite às firmas estrangeiras a importação de equipamentos a preços muito menores que os pagos pela indústria nacional, seria uma contribuição importante para a elevação técnica de nossa indústria têxtil, o que lhe permitiria concorrer em melhores condições nos mercados exteriores.

## A POSIÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA

Sem nenhuma dúvida, os trabalhadores estão dispostos a cooperar com os industriais para tirar o ramo têxtil das dificuldades que enfrenta presentemente. Mas esta colaboração não pode significar, de nenhum modo a aceitação da orientação tomada pelas empresas de cortar na carne de seus operários para manterem o mesmo nível de lucros. A própria situação financeira da indústria têxtil, como se pode ver dos balanços publicados, não justifica a política de desemprego que vem sendo postas em prática. Um grupo têxtil importante como a «Nova América», por exemplo, teve nos últimos anos os seguintes lucros líquidos confessados: em 1953-68 milhões de cruzeiros; em 1954 — 151 milhões; em 1955 — 180 milhões; em 1956 somente no primeiro semestre, 80 milhões, o que dá, aproximadamente, cerca de 160 milhões para todo o ano. Os preços de suas ações passaram de Cr\$470,00 em 1955 para Cr\$ 700,00 no ano passado.



Cerca de 25% dos operários empregados na indústria têxtil carioca são idosos, já com tempo para aposentadoria

Como se vê, não é «calamitosa» situação financeira da indústria têxtil. Pelo contrário, é plenamente estável, suficiente para que as empresas enfrentem sem medidas antioperárias a situação de dificuldades atuais, resultante de problemas de mercados.

## O MOVIMENTO SINDICAL NO D. F.

INTENSIFICAR a campanha por 30 por cento de aumento e solicitar ao DNT a convocação de uma mesa-redonda com os patrões — tal foi a decisão principal tomada pelos trabalhadores na indústria do fumo do Distrito Federal em sua última assembleia. Na realidade, a campanha é por mais 15 por cento de aumento, já que os empregadores concederam a elevação de 15 por cento no início do ano, quando da majoração nos preços de cigarros e charutos.

Em que pesem as elevações constantes dos produtos de fumo obtidas periodicamente pelo sindicato patronal, os empregadores mantêm-se intransigentes na recusa à reivindicação dos fumageiros. Por esta razão, deliberaram estes solicitar a mesa-redonda e convocar todos os colegas a comparecer em massa à reunião com os patrões.

Os trabalhadores na indústria de calçados do Distrito Federal estão preparando o lançamento de um grande movimento pelo reajustamento dos salários, a iniciar-se nos primeiros dias de março. Atualmente, estão sendo realizadas reuniões nas fábricas, tudo indicando que será exigido o mínimo de 60 por cento de aumento.

Foram recebidos com geral desgosto entre o funcionalismo público da União os anexos, elaborados pelo DASP, ao anteprojeto que classifica os servidores civis. Por esta razão, a União Nacional dos Servidores Públicos realizará no próximo dia 15, na ABI, uma assembleia para discutir o assunto e para debater o projeto de substitutivo que os próprios funcionários elaboraram e enviarão à Câmara Federal, dentro de breves dias.

## Um Marco no Movimento Sindical Brasileiro

Artigo de ROBERTO MORENA

A posição assumida pelos trabalhadores no dia 31 de janeiro, primeiro aniversário do governo Kubitschek, constituiu uma nova manifestação de independência do movimento sindical brasileiro. Ela não é um desabafo ocasional, mas o resultado de quase um ano de trabalho em comum de dirigentes e militantes sindicais de todas as tendências e orientações e, sobretudo, das grandes lutas que os trabalhadores travaram neste ano do atual governo. Este fato é ainda mais positivo porque representa a resposta dos operários à intensa e custosa propaganda do Fundo Social Sindical e demonstra sua crescente compreensão de que é na luta unitária, organizada e diária que eles conquistam suas reivindicações e usufruem seus direitos.

No caminho para a independência e a unidade do movimento operário, ocupa importante lugar a manifestação unitária do 1º de Maio do ano passado, quando se iniciou a elaboração de um programa comum e a maior aproximação orgânica das entidades sindicais. Na campanha pela elevação do salário-mínimo e do reajustamento salarial, a unidade não foi um slogan, mas uma realidade prática, cujos resultados trouxeram tantos benefícios aos trabalhadores e influíram no pensamento dos dirigentes sindicais.

As lutas operárias, vitoriosas quando conduzidas pelo leito da unidade, imprimiram um cunho independente ao movimento sindical. As aspirações justas dos trabalhadores, criadas pela própria necessidade de viver, a defesa de seus direitos mais elementares — ora burlados ou negados, ora ameaçados pelo patronato — ensinaram-lhe a não confiar em proterções paternalistas dos que exploram o seu esforço diário e nem nos que se dizem defensores «igualitários» dos direitos do capital e do trabalho, como o Ministério do Trabalho, o SESI, o SESC e instituições semelhantes.

Como já haviam feito no «Discurso do Trabalhador» do 1º de Maio, os trabalhadores voltaram a insistir no memorial do dia 31 de janeiro em uma «reforma na legislação sindical, à altura dos brios e os anseios autonomistas dos trabalhadores, cujo caminho é, frequentemente, dificultado pela indesejável interferência da obsoleta burocracia do Ministério do Trabalho, burocracia que, muitas vezes, não passa de um biombo a disfarçar interesses políticos e pessoais».

A importância dessas declarações, apoiadas e creditadas pelas confederações, federações e sindicatos, é inestimável e contribuirá para o desenvolvimento da campanha que visa libertar o movimento sindical das amarras do Estado e da interferência dos partidos políticos em sua vida. A posi-

ção contrária ou de indiferença a esse programa, e especulações a respeito de suas «origens» e «intenções», só contribuem para diminuir a força dos trabalhadores e para ajudar seus inimigos.

X X X

O gesto dos trabalhadores no 31 de janeiro, por outro lado, constitui um passo de grande significação política. Autocrítico, é ao mesmo tempo afirmativo do rumo a seguir. Toda a propaganda dos inimigos dos trabalhadores, dos oportunistas e divisionistas que durante anos pretenderam isolar os sindicatos da vida econômica e política do país, mostrou-se inútil. Os trabalhadores identificam nesses indivíduos os mesmos que — afirmando que «os sindicatos são apolíticos» — realizavam nêles a mais aberta política partidária visando mantê-los indiferentes à vida democrática do país.

Firmou-se em 31 de janeiro pacto concreto, amplo e unitário, que une a elevada missão dos organismos sindicais com suas finalidades de defender as reivindicações econômicas e sociais dos trabalhadores. Depois de oferecer ao governo a colaboração dos trabalhadores para «enfrentar os duros problemas que afligem a todos os brasileiros», o memorial afirma que o farão «com consciência plena de nossos direitos, sem capitulações nem concessões de qualquer natureza e, principalmente, sem quebra das prerrogativas por nós conquistadas e já consagradas na legislação social».

Ao enfrentar os problemas resumidos no «decálogo» exposto ao governo, o trabalhador, em consequência, tem que aumentar o valor e a eficiência de sua organização. Para a execução dos dez pontos do memorial, os quais sintetizam as reivindicações do proletariado e do povo em geral, é necessário que as entidades sindicais ganhem mais força e influência. Surge, assim, mais uma oportunidade para que todos os trabalhadores, dirigentes e militantes sindicais deixem de lado suas opiniões partidárias, quando em luta comum, e busquem a estrada ampla da atividade coletiva.

As bases da unidade do movimento sindical se ampliam e se solidificam. As confederações, federações e sindicatos deram, neste sentido, um novo passo adiante. Agora, tudo nos indica, tudo nos empurra a participar do movimento sindical existente, lutar dentro dele com espírito de unidade, sem sectarismos, sem ver elementos isolados, para que a força invencível dos trabalhadores unidos e organizados faça do «decálogo» uma realidade.

# Por Um Caminho Italiano Para o Socialismo

Os comunistas apóiam e defendem a plena autonomia do sindicato. A independência da C.G.I.L. em face dos partidos políticos é não só uma regra estatutária que remonta ao pacto de Roma de 1914; é não só uma consequência natural da existência de vários partidos operários; mas é uma condição necessária para que a C.G.I.L. e suas organizações possam realizar suas tarefas particulares no movimento operário, e ser um fator determinante da unidade dos trabalhadores. Os comunistas afirmam que não se pode hoje, na Itália, tornar estéril a função do sindicato limitando-o a ser a de uma simples «correia de transmissão» de um ou outro partido. As relações entre os partidos operários e os sindicatos pertencem à dialética interna do movimento operário e não podem manter o sindicato em posições de subordinação. Isso não quer dizer, aliás, que o movimento sindical possa esgotar-se encerrando-se no corporativismo, em uma «neutralidade» apolítica, que espese a ideologia equívoca e anacrônica do «sindicalismo puro». Isso está em contradição não só com toda a história do movimento operário italiano mas também com o princípio fixado, desde 1945, no artigo 2 do estatuto da C.G.I.L. que estabelece, entre as finalidades da C.G.I.L., «trabalhar pela conquista de novos direitos para os trabalhadores, pela realização de suas legítimas aspirações sociais até à completa emancipação do trabalho».

Condição necessária e ao mesmo tempo fator essencial para o reforço da unidade dos trabalhadores é o vigoroso desenvolvimento da democracia no seio da organização sindical dos organismos operários de empresas. No debate na revisão das estruturas de organização em curso no seio do movimento sindical, os comunistas são partidários de todas as medidas que possam garantir uma vida democrática mais intensa e uma maior força de organização sindical.

A Comissão interna (C.C.I.) de fábrica é o baluarte indispensável da unidade dos trabalhadores nas empresas. A unidade da C. I. de fábrica deve basear-se sobretudo numa política de empresa capaz, na defesa consequente e completa dos interesses de todos os trabalhadores, de superar as divisões que a cisão sindical provocou no seio da C.I. A vontade da maioria da C.I. deve ser respeitada por todos os seus membros, mantendo-se o direito de a minoria debater amplamente suas próprias condições e posições no seio da C.I. e de levá-las ao conhecimento dos trabalhadores.

b) No domínio cooperativo, os comunistas ressaltam em particular a função positiva que a cooperação pode ter hoje na luta contra o monopólio e na luta pela transformação democrática socialista na vida econômica e social italiana. Seria erro grave subestimar essa função, invocando-se uma polémica justa feita para ressaltar os limites impostos à cooperação pela sociedade capitalista e para impedir, no seio do movimento cooperativo, manifestações oportunistas.

Os comunistas apóiam todas as reivindicações do movimento cooperativo; batem-se para que os poderes públicos mantenham em relação à cooperação uma atitude de acordo com a constituição; fazem esforços no sentido de que as cooperativas funcionem de acordo com os princípios próprios à cooperação — respeito ao estatuto, democracia e unidade do movimento, voluntariado, etc. — os quais condicionam sua vitalidade e força. Nos últimos dez anos os comunistas com seus companheiros socialistas deram importante contribuição ao desenvolvimento e ao reforço da cooperação graças a uma ação unitária pertinaz e consequente que permitiu a liga nacional das cooperativas manter intactas e mesmo, sob certos aspectos desenvolver suas alianças, graças a uma maneira nova de apresentar as questões do trabalho cooperativo em função das necessidades diretas das amplas massas do povo e da exigência de democratização da sociedade italiana e estimulando dezenas de milhares de novos quadros cooperativos no sentido de dedicar um maior cuidado às empresas, de dirigir cada cooperativa e cada consórcio sobretudo como empresas econômicas. Os comunistas devem hoje mais que nunca zelar para que o movimento cooperativo possa servir-se de quadros experientes ligados organicamente às cooperativas, desenvolvendo trabalho de educação entre os comunistas cooperativistas e favorecendo seu preparo técnico. Os comunistas apóiam a plena autonomia do movimento cooperativo e orientam os comunistas cooperativistas no sentido de garantirem escrupulosamente o funcionamento democrático dos conselhos de administração e dos colégios sindicais das cooperativas e de respeitar as decisões dos órgãos sindicais responsáveis.

Restabelecendo relações justas entre as organizações sindicais e o movimento cooperativo, relações que há muito não existem, devemos tornar possível uma colaboração que em

## OS CLÁSSICOS DO MARXISMO

Já está à venda o primeiro volume, da série de três, das OBRAS ESCOLHIDAS de K. Marx e F. Engels, reunindo alguns dos mais importantes trabalhos desses dois fundadores do socialismo científico.

Obra de indiscutível valor para os que desejam possuir melhores conhecimentos da economia política, da filosofia e do materialismo histórico.

Vol. de 480 páginas, impresso em papel Bouffant de 1ª, capa em cartão cromo duplex — Cr\$ 90,00.

Atendemos pelo Serviço de Reembolso Postal

Pedidos à

**EDITORIAL VITÓRIA LIMITADA**

Rua Juan Pablo Duarte, 50 — Sob.

## (Projeto de Teses Para o VIII Congresso do Partido Comunista Italiano — Conclusão)

vários domínios possa dar resultados positivos no interesse das massas trabalhadoras para as quais atuam os dois movimentos. Cabe também ao movimento cooperativo desenvolver uma atividade própria no sentido das massas femininas; essa atividade pode dar resultados notáveis para o movimento de emancipação da mulher; por isso, ela deve ser apoiada sem reservas e sem interferência pelas organizações que tornaram o problema da emancipação da mulher sua finalidade principal.

c) No movimento de defesa dos camponeses, dos artesãos e em todas as demais associações (de combatentes, de mulheres, de jovens, de cultura, de assistência, movimentos esportivos e recreativos) que nos diferentes domínios da vida social expressam as diversas exigências do povo, mesmo naquelas em que estão em minoria, os comunistas têm o dever de estar presentes e de serem ativos, para realizar sempre e em todas as condições pelo menos sua função de elementos propulsores para realizarem a tarefa de lutarem pela defesa dos direitos dos trabalhadores e a satisfação de suas aspirações ao progresso material e moral. Os comunistas, estejam em maioria ou minoria, lutarão sempre para que as organizações onde se reúnem os trabalhadores sejam autônomas e unitárias e se dediquem à realização de suas tarefas particulares. Os comunistas dedicam atenção particular a todo domínio da atividade recreativa de empresa e ao movimento da E.N.A.L. Nesse sentido é necessário não só barrar o caminho à ofensiva clerical mas também à ofensiva do patronato monopolista que criou associações internas de empresas. Seu objetivo declarado seria o de prestar assistência aos funcionários e ajudá-los a organizar suas horas de repouso. No fundo, porém, essas associações têm a função de controlar o operário, suas necessidades e suas reivindicações, para chegar a controlar as suas opiniões e a estender sua influência sobre toda a vida familiar.

33. A luz das exigências que derivam da situação e do programa de ação e de luta que se apresenta ao partido, séria melhoria deve ser feita à nossa atividade de agitação e de propaganda. Essa atividade deve sempre e cada vez mais ser concebida como uma tarefa permanente de todo o partido e de cada militante, e não somente no que diz respeito à realização dos objetivos imediatos das lutas — eleitorais, reivindicatórias, etc. — que se apresentam ao partido, mas também no que diz respeito ao desenvolvimento contínuo da consciência democrática e socialista do povo e da conquista de novos cidadãos e trabalhadores para o ideal comunista. Com essa finalidade reveste-se de importância particular a propaganda dos princípios socialistas que deve visar a dois objetivos essenciais, isto é: 1) a popularização das conquistas realizadas pelos trabalhadores da União Soviética e dos países que constroem o socialismo. Essa popularização terá maior eficácia se evitar as formulações gerais e se esforçar ao contrário por ilustrar o caminho real percorrido pela classe operária e pelos trabalhadores à base dos problemas e das exigências concretas que se lhes apresentaram, e que surgem, pela situação histórica na qual a marcha para o socialismo se desenvolveu e se desenvolve; 2) a crítica ao capitalismo da maneira como ele se manifesta na sociedade italiana, de modo a destacar que a exigência do socialismo nasce, em nosso país, da realidade, e a orientar assim cada luta parcial ou reivindicatória para os objetivos de estrutura que caracterizam a fase atual de nossa luta no caminho italiano para o socialismo.

Nesse sentido, devemos fazer um esforço particular a fim de que a nossa imprensa — e em primeiro lugar L'Unità — mantenha e desenvolva seu caráter popular e seja difundida mais amplamente com o concurso de todos os militantes.

34. A elevação contínua do nível político do partido e a mais ampla e mais útil participação dos comunistas na vida e na atividade de todas as organizações de massa exige uma justa política de quadros. A base do partido amadureceram hoje forças das quais seria grave subestimar a capacidade e que devem ser olhadas com grande confiança a fim de solicitarmos sua contribuição indispensável e a fim de impedir que os comunistas nas empresas, no campo e nos setores mais avançados da cultura, da técnica e da arte, participe de uma maneira fecunda no esforço de pensamento e de ação do partido. Nessa situação é necessário e possível promover um novo surgimento de quadros de direção, favorecendo-se a seleção e a promoção dos mais capazes, a fim de que às forças melhores, ideológica e politicamente sejam confiados postos de responsabilidade em prol do partido e de todo o movimento operário. É preciso fazer um esforço particular para aplanar os obstáculos que a atual estrutura social opõe à formação e ao progresso dos quadros dirigentes providos das fábricas e do campo, graças ao uso de medidas concretas — culturais, econômicas e de organização, — que tenham por finalidade elevar o preparo político e cultural dos melhores operários e trabalhadores e confiar-lhes postos de direção. O exemplo de Antônio Gramsci nos lembra que o primeiro dever de todo o dirigente comunista é o de realizar um trabalho pessoal de educação política para a formação de novos quadros da classe operária.

35. Uma justa política de quadros é em geral a melhor e o desenvolvimento político do partido exige uma melhoria radical da atividade ideológica.

Certas manifestações de indecisão ocorridas nestes últimos meses e em particular certas manifestações de desconfiança

a respeito da União Soviética e de outros países que constroem o socialismo, a tendência, desprovida de crítica, a revisão dos princípios e das experiências essenciais do movimento operário internacional, assim como a resistência dogmática, e igualmente desprovida de crítica, em compreender as novidades da situação, a necessidade de adaptá-las à teoria e à prática deste movimento, tudo isto exige a necessidade urgente de melhorar a preparação ideológica do partido, em todos os níveis. Isto exige em primeiro lugar a justa interpretação e aplicação do artigo 2 do Estatuto, que deve prever um permanente esforço pela difusão do marxismo-leninismo em todo o partido e a conquista de cada vez maior número de camaradas, particularmente intelectuais, para o método marxista de análise da realidade.

Isso exige em segundo lugar uma reviravolta na atividade de educação do partido; esta última representa já uma experiência preciosa e original do movimento operário italiano, e deve ser mantida e desenvolvida dando-lhe porém maior amplitude. Todo resíduo de posição de catequese e formalista deve ser banido dos métodos de ensino das escolas centrais, locais e por correspondência; os programas devem ser concebidos de maneira a representar um encorajamento à formação cultural dos militantes sobretudo de modo a fazer brotar o ensino dos princípios, como uma prova e confirmação dos desenvolvimentos da realidade, como um instrumento para uma melhor compreensão desta realidade e como um guia para a ação prática. De modo geral, é necessário assegurar uma ligação estreita entre os princípios de marxismo-leninismo e a prática da revolução italiana, utilizando-se as idéias novas adquiridas no desenvolvimento do marxismo-leninismo por Antônio Gramsci e desenvolvendo-as ulteriormente à base do estudo contínuo do dia-a-dia da realidade italiana e internacional e particularmente das transformações nas estruturas econômicas e na vida social e sobre o esforço permanente de generalização dos dados fornecidos pela experiência rica e multiforme da luta política que se desenrola na Itália e no mundo.

Estas tarefas não podem ser atribuídas apenas a um pequeno número de camaradas mas devem ser realizadas empregando-se, sob a direção do C.C., todas as preciosas energias que existem largamente no partido e que são capazes de dar ao trabalho teórico uma séria contribuição concreta.

36. O partido para cumprir as atividades necessárias à realização das próprias tarefas de luta, deve dispor, nas condições em que se desenrola a luta política, de importantes meios financeiros. O problema dos fundos para a atividade do partido é consequentemente um problema político que é preciso tratar aberta e politicamente à base de um funcionamento eficaz dos órgãos de controle. O partido recebe seus meios financeiros da contribuição, antes de tudo, de seus militantes, que têm o dever de pagar regularmente suas cotas proporcionalmente com suas possibilidades econômicas, e em seguida da solidariedade dos trabalhadores que apóiam a ação do partido. É preciso colocar e tratar regularmente perante todas as instâncias do partido dos problemas financeiros a fim de estabelecer bases financeiras sólidas para o desenvolvimento da atividade das organizações.

Na duríssima luta contra a ditadura fascista, na Resistência, na guerra de Libertação, na insurreição nacional de 25 de abril, apresentando os fundamentos de um novo regime democrático o Partido Comunista Italiano soube realizar suas tarefas. Saiu vitorioso e mais forte destas provas. Hoje a classe operária e o povo devem ir à frente no caminho que já está traçado. O Partido Comunista saberá guiá-los para novas e necessárias vitórias.

## VOZ OPERÁRIA

Diretor-Responsável

**Aydano do Couto Ferraz**

MATRIZ:

Avenida Rio Branco, 257, 17º and., s/ 1.712 — Tel. 42-7344

ASSINATURAS:

Anual .....	100,00
Semestral .....	60,00
Trimestral .....	30,00
Número avulso .....	2,00
Número atrasado .....	3,00
Aérea ou sob registro, despesas à parte:	
Preço no R. G. Sul. Sta. Catarina, Paraná, Distrito Federal, São Paulo, E. Santo e Belo Horizonte	2,00
Goias e interior de Amazonas e Territórios ....	4,00
Outros Estados .....	3,00
Minas Gerais .....	2,50

SUCURSAIS:

SÃO PAULO — Rua dos Estudantes nº 84 s/ 28, 2º andar — Tel. 37-4983.  
PORTO ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria, nº 66, s/ 43.  
RECIFE — Rua Floriano Peixoto nº 85 — 3º andar — s/ 326.  
FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco, nº 1.248 — s/ 22 — Tel. 1-13-03.  
SALVADOR — Rua Barão de Cotegipe, 67 — Edifício Zacarias, s/ 203 (Calçada).  
JOÃO PESSOA — Rua Duque de Caxias, 558 — 1º andar — salas 3 e 4.

# Levar ao Congresso a Vontade Do Povo: Anulação do Acôrdo!

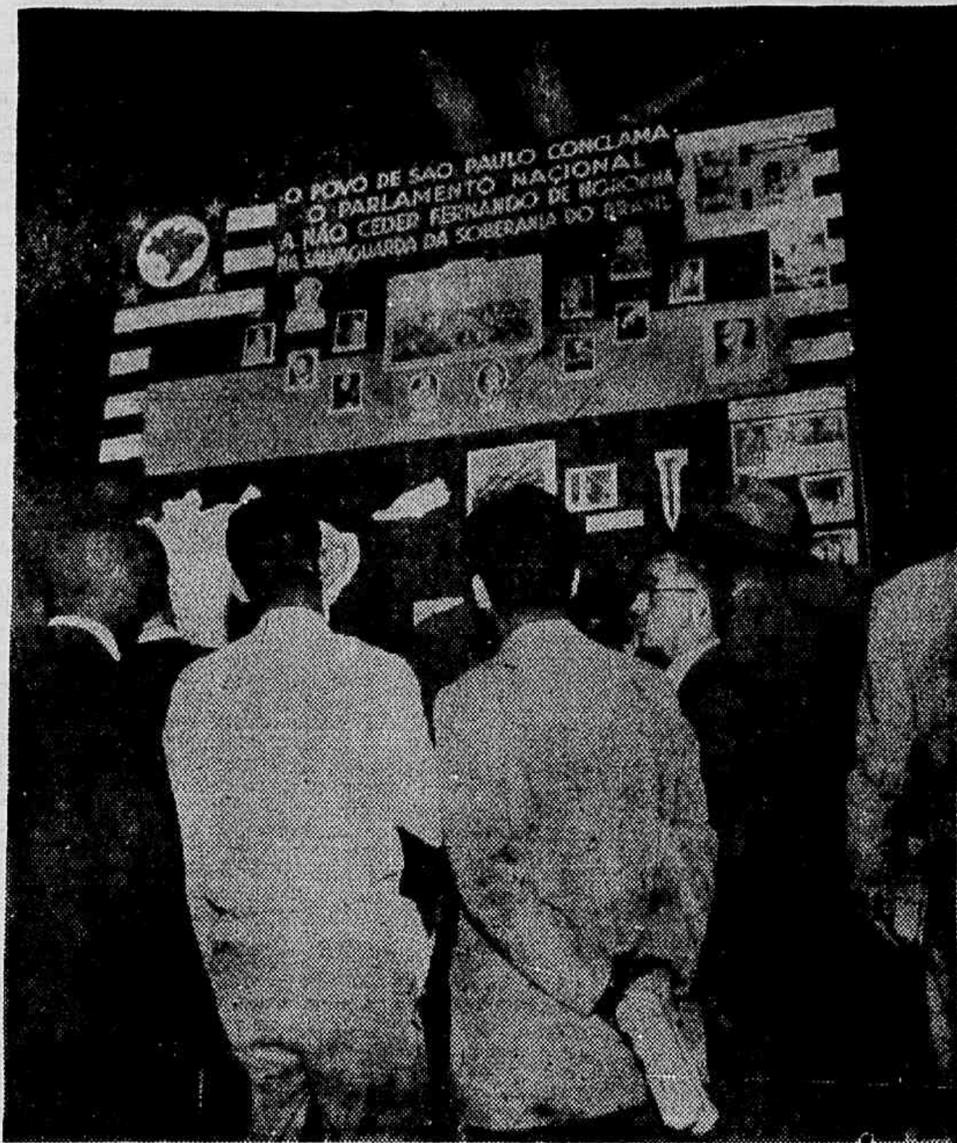
... alguns esforços para obter, no Congresso Nacional, apoio à cessão de Fernando de Noronha para base norte-americana de teleguiados. Os altos círculos da UDN — cuja oposição ao governo não inclui o combate aos atos reacionários e, particularmente, aos atos entreguistas deste — já adiantaram sua posição na matéria, posição baseada na defesa dos interesses do imperialismo ianque, já definida pelo líder udenista no Senado, sr. João Vilas Boas. Na Câmara, porém, espera-se a resistência de muitos representantes udenistas, que formarão ao lado de deputados dos diversos partidos e da Frente Parlamentar Nacionalista no combate ao acôrdo lesivo. Este é o quadro no Parlamento, onde nem mesmo o PSD conseguirá unanimidade para a defesa da entrega da base.

## A LUTA DO POVO FATOR DECISIVO

Será a luta de todo o povo, das forças patrióticas e nacionalistas, dentro e fora do governo, dentro e fora dos partidos políticos, nas organizações operárias e populares, nas fábricas e nas ruas, o fator decisivo para a definição do Congresso Nacional. Esta luta começa a desenvolver-se, embora se deva assinalar que ainda não tenha adquirido o ritmo necessário e possível. Intensificá-la é, agora, o primeiro dever de todos os patriotas.

Importantes manifestações, porém, já exprimem a exigência de anulação do acôrdo com os Estados Unidos, e entre estas figuram os pronunciamentos de Câmaras Municipais de cidades como Recife, Salvador, João Pessoa. Ao mesmo tempo, manifestações populares verificam-se em vários pontos do país. Na capital de São Paulo e municípios vizinhos estão se realizando concorridos comícios, com a participação de deputados federais, estaduais e vereadores, para debater a cessão de Fernando de Noronha. Os oradores esclarecem o povo sobre os diversos aspectos da questão, notando-se que é unânime a oposição popular ao ajuste entreguista.

É urgente a intensificação das manifestações populares, que devem convergir para o Congresso, exigindo a única solução compatível com a soberania e a segurança nacional: anulação da entrega de Fernando de Noronha aos Estados Unidos.



Na capital de São Paulo, nos municípios de Santo André, São Caetano, Poá e outros, estão sendo realizados comícios e outras manifestações de protesto contra a entrega de Fernando de Noronha aos norte-americanos e exigindo que o Congresso Nacional anule o acôrdo de entrega. Entre as iniciativas de propaganda da campanha figura a confecção de jornais murais, em que se apresentam exposições gráficas sobre as consequências da cessão da base e a luta contra esse ato lesivo à soberania nacional. NA FOTO, mural exposto em um ponto de concentração popular, na capital paulista.

## O QUE EXIGEM, AGORA, OS IANQUES

EIS o que os ianques exigem, agora, do governo do sr. Kubitschek:

1. Que não sejam criados embaraços, no Congresso, ao acôrdo de entrega de Fernando de Noronha. Com esse fim, o Itamarati já mobilizou um parecer jurídico que «demonstra» não ser necessária a audiência do Congresso para validade do ajuste.

2. Que sejam encaminhados os estudos para novas concessões de bases, na Ilha

das Rocas, Ilha Trindade e litoral de Alagoas.

3. Que sejam encaminhados os estudos para a execução de planos tendo em vista a utilização de todo o território do nordeste brasileiro como base de operações, em caso de guerra; entre esses planos figura a construção de uma rodovia litorânea, ligando as principais cidades nordestinas e que visaria facilitar o transporte de tropas e equipamentos por via terrestre.

4. Que as Forças Armadas do Brasil sejam transformadas em forças auxiliares do Pentágono; mediante

as seguintes medidas, cuja execução seria estudada pela Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos: a) — fornecimento ao Brasil de aviões militares, principalmente aeropaves para transporte de tropas; b) — expansão do batalhão aerotransportado brasileiro, que passaria a ter efetivo de um regimento; c) — novo plano de «assistência» ao Exército Brasileiro; d) — venda ou doação de destróiers da reserva da marinha ianque ao Brasil; e) — fornecimento ao nosso país de projéteis teleguiados de curto alcance, tipo «Nike».

## A Responsabilidade dos Nordestinos

Com a instalação de uma base norte-americana de foguetes teleguiados, em Fernando de Noronha, o nordeste brasileiro fica a mercê de ataques maciços, que seriam a resposta lógica a qualquer ação agressiva dos Estados Unidos contra um país estrangeiro. Já o reconheceu o próprio sr. Macedo Soares: «o nordeste será o primeiro teatro de operações».

É evidente que, em qualquer conflito no qual se envolvam os Estados

Unidos, a base de Fernando de Noronha poderia ser utilizada para o bombardeio do território inimigo e seria, por isso mesmo, o primeiro alvo da resposta. Deve-se considerar, porém, não Fernando de Noronha isolada, mas ligada a todo o nordeste, que os imperialistas querem ocupar ou transformar em base potencial de operações bélicas. O sr. Macedo Soares declarou, aliás, que, em caso de guerra, as estradas, as cidades e os pontos estra-

tégicos daquela região seriam utilizados, convertendo-se o nordeste em zona de operações militares. Assim, dez milhões de nordestinos estão diretamente ameaçados pela presença dos agressores ianques em Fernando de Noronha e são os primeiros interessados na luta contra essa concessão lesiva à segurança e à soberania do país.

É grande, pois, a responsabilidade dos patriotas e nacionalistas do nordeste, que devem colocar-se à frente da campanha nacional pela anulação do acôrdo com os Estados Unidos. Essa responsabilidade foi compreendida pela Assembléia Legislativa de Pernambuco e pela Assembléia Legislativa de Alagoas, onde os deputados manifestaram-se contrários à cessão da base e reclamaram a audiência do Congresso Nacional na matéria. Cabe aos patriotas mais consequentes tomar decididamente a frente de todo o povo nesta luta, dando, assim, uma contribuição, que pode ser decisiva, para o movimento nacional que deverá levar o Congresso a anular a entrega de Fernando de Noronha.

### O DEVER CONSTITUCIONAL DO CONGRESSO

APESAR dos pareceres capciosos e do esforço de certos círculos do governo, que pretendem não caber ao Congresso Nacional examinar e decidir sobre o acôrdo de Fernando de Noronha, o Congresso não pode fugir ao dever constitucional de fazê-lo. Eis o que diz a Constituição Federal.

«Art. 66 — É da competência exclusiva do Congresso Nacional:

I — resolver definitivamente sobre os tratados e convenções celebradas com os Estados estrangeiros pelo Presidente da República.

III — autorizar o Presidente da República a permitir que forças estrangeiras transitem pelo território nacional ou, por motivo de guerra, nele permaneçam».

## Novas Violências Policiais no Rio

PROSSEGUIU, esta semana, na Capital da República, a série de violências policiais contra as liberdades democráticas e os direitos do cidadão, violências que, nos últimos tempos, vêm-se repetindo paralelamente a declarações do sr. Juscelino Kubitschek de respeito pela Constituição. Esta semana, no Rio, a polícia prendeu, sem ordem judicial, os cidadãos Francisco de Assis Maia e Walter Herman Elsas. Suas residências foram invadidas arbitrariamente, revistas e saqueadas. Contra eles tenta a Polícia Política montar um processo farsa.

A violência seguiu-se a outras, como a invasão da sede da União dos Favelados e o fechamento ilegal da entidade, as medidas contra a Federação das Mulheres do Brasil e a Associação Feminina do Distrito Federal, na capital do país, e faz parte de uma onda de arbitrariedades e provocações anticomunistas desencadeada para servir de cobertura à entrega de Fernando de Noronha aos ianques. O diretor da Polícia Política do Rio declarou aos jornais, sem mais termos,

que a polícia «não permitiria» protestos contra a cessão da base. Ficou evidente o propósito das provocações seguidas a incêndios de instalações petrolíferas, em São Paulo, das quais pretendia a reação partir para uma campanha de violências anticomunistas, só não conseguindo porque foi, em tempo, desmascarada. No nordeste, particularmente em Recife, esta campanha de violências está sendo intensificada.

Os imperialistas sabem que, quando o povo exerce os direitos e liberdades democráticas, torna-se a eles difícil obter concessões. Por isso reclamam de seus agentes medidas de repressão ao movimento democrático. Estas medidas começam contra os comunistas, pois são estes os mais combativos e consequentes defensores da soberania nacional, os mais decididos lutadores contra a penetração política, econômica e militar dos imperialistas ianques em nosso país. Este é o sentido das violências anticomunistas das últimas semanas, que devem encontrar o mais enérgico protesto de todos os democratas.